

Jornadas para a Internacionalização no Ensino Superior

Insights para a
colaboração entre o
Reino Unido e o Brasil

British Council**Tom Birtwistle**

Diretor Brasil

Diana Daste

Diretora de Engajamento Cultural

Bárbara Cagliari Lotierzo

Gerente Sênior de Relações Governamentais e Externas, Engajamento Cultural

Marcela Gobo

Gerente de Projetos de Educação Superior, Engajamento Cultural

Patricia Santos

Gerente de Educação e Insights Americas

Ramon Santos

Analista de Projetos de Engajamento Cultural

Luisa Brito Rodrigues

Estagiária de Engajamento Cultural

Marketing e Comunicação**Fernanda Medeiros**

Diretora Regional de Marketing e Comunicação, Américas

Johanna Bermudez

Gerente Sênior de Comunicação Americas

Igor Arraval

Gerente Sênior de Marketing, Engajamento Cultural Américas

Belén Figuera

Gerente Sênior de Marketing, Engajamento Cultural Américas

Maria Paula Collazos

Analista de Marketing, Engajamento Cultural Américas

Sergio Parraga

Analista de Marketing, Engajamento Cultural Américas

Claudia Yamada

Analista de Comunicação, Engajamento Cultural Americas

Equipe Editorial

Coordenação Editorial

Marcela Gobo**Patricia Santos**

Design Editorial, Reportagem e Edição

Maggi Krause**Priscila Crispi**

Design gráfico

Disarme Grafico

Revisão

Gabriel Troiano

Tradução

Fox Traduções

A menos que indicado de outra forma, todas as imagens desta publicação estão protegidas por direitos autorais (© British Council).

As opiniões aqui expressas são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a visão do British Council.

Trabalhamos para promover a paz e a prosperidade, criando conexões, fortalecendo o entendimento e construindo confiança entre pessoas do Reino Unido e de diversos países ao redor do mundo. Nosso trabalho é diretamente com as pessoas, ajudando-as a desenvolver habilidades, ganhar confiança e construir conexões que transformem suas vidas e contribuam para um mundo melhor em parceria com o Reino Unido. Damos suporte para que criem redes, explorem ideias criativas, aprendam inglês, tenham acesso a uma educação de qualidade e conquistem formações reconhecidas internacionalmente.

Gobo, M., & Santos, P. (2025). *Jornadas para a Internacionalização no Ensino Superior: Insights para colaboração entre o Reino Unido e o Brasil*. British Council. <https://doi.org/10.57884/BTTQ-F784>

Sumário

Mensagem editorial	4	
Uma jornada que vale cada passo		
	6	Introdução
		Promovendo a internacionalização do ensino superior no Brasil
Seção 1	9	
Educação internacional		
	28	Linha do tempo
		Iniciativas de internacionalização do British Council no Brasil
Seção 2	34	
Colaboração de pesquisa		
	42	Seção 3
		Igualdade de gênero no ensino superior
Seção 4	60	
A Missão UK-BR em outubro de 2024		



Uma jornada que vale cada passo

Com a visão de contribuir para sistemas educacionais mais conectados e inclusivos, o British Council está comprometido em apoiar a internacionalização das instituições de ensino superior, promovendo um diálogo em múltiplos níveis no setor e fortalecendo parcerias institucionais e políticas com o Reino Unido. Nosso programa atual Going Global Partnerships reforça essa visão e amplia os esforços conjuntos no país, com base nos conceitos de internacionalização, parcerias e fortalecimento de sistemas. O programa CAPES-PrInt foi um marco inicial para nosso engajamento na internacionalização no Brasil e, desde então, temos apoiado, discutido e codesenvolvido capacidades e parcerias relevantes para esse objetivo.

Entre 2017 e 2021, todas as universidades brasileiras que participaram do programa Universidades para o Mundo foram incluídas na iniciativa CAPES-PrInt. Nesse período, mais de 13 parcerias entre o Reino Unido e o Brasil foram criadas ou fortalecidas, abrangendo iniciativas trilaterais e projetos colaborativos. Por meio do incentivo à pesquisa conjunta, avançamos em diversas áreas, como ciências exatas e tecnológicas (STEM), igualdade de gênero e proficiência em inglês, com impactos diretos na internacionalização local, indo além dos modelos tradicionais de mobilidade acadêmica. Temos acompanhado de perto as prioridades e novas dinâmicas e estamos entusiasmados em continuar contribuindo com as perspectivas, oportunidades e alinhamentos da internacionalização na nova fase do CAPES Global.

Nosso mais emblemático programa, Mulheres em STEM, é mais uma prova da visão compartilhada e do aprendizado aplicado a parcerias institucionais e sistêmicas. Com uma abordagem de ciclo de vida e insights baseados em evidências, o programa apoia mulheres por meio dos pilares de Inspiração, Desempenho e Reconhecimento. Hoje, celebramos alguns resultados promissores. Como fruto do trabalho conjunto que envolveu mais de 50 instituições de ensino superior do Brasil e do Reino Unido (Gender Equality Partnerships 2021–2022), o Brasil agora conta com seu primeiro Marco Referencial para a Igualdade de Gênero em Instituições de Ensino Superior. Inspirado no Athena Swan Charter do Reino Unido, essa ferramenta é um catalisador para fortalecer capacidades e promover um ecossistema de ensino superior e ciência mais diverso.

Em nível sistêmico, como parte dos esforços para implementar o Marco Referencial e para alinhar medidas de apoio à diversidade no setor, atuamos para a criação de um Grupo de Trabalho Interinstitucional para Gênero e Diversidade na Educação Superior e Ciência, lançado em 2024. O GT é composto por CAPES, CONFAP, MEC, British Council e CNPq, com interesse declarado de associações setoriais federais em se tornarem membros. O British Council atua como secretaria do grupo, enquanto o CNPq assume a presidência no primeiro ano. Tanto as parcerias entre as instituições de ensino superior quanto o GT em nível sistêmico refletem passos importantes nos compromissos institucionais para reconhecer as contribuições das mulheres em STEM, promover o avanço na carreira e fortalecer o progresso científico em toda a sua riqueza, potência e diversidade.



Ainda em 2024, realizamos uma missão intergovernamental e acadêmica do Reino Unido no Brasil. A delegação, composta por representantes do governo (Departamento para Educação - DfE, Departamento de Negócios e Comércio - DBT, Rede Ciência e Inovação - SIN, e o Representante Especial para Educação Internacional), além de Pró-reitores e Diretores de seis universidades britânicas. O encontro reforçou o compromisso do Reino Unido em avançar com o Brasil por meio de parcerias estratégicas, sustentáveis e com propósito claro.

Os programas e processos mencionados são exemplos de alguns passos nessa jornada rumo à internacionalização. Essas e outras iniciativas integram este relatório, organizadas em três áreas que também podem ser interpretadas como nossos principais pilares estratégicos diante de desafios temáticos: (1) internacionalização do ensino superior (abrangendo iniciativas

de mobilidade, internacionalização em casa e educação transnacional - TNE), (2) colaboração em pesquisa e (3) igualdade de gênero, diversidade e inclusão. A seção final do relatório reúne algumas das trocas, mensagens-chave e recomendações resultantes da semana da missão, um programa rico que abarcou as três áreas destacadas acima.

Conectar instituições e sistemas de ensino superior do Reino Unido e do Brasil para gerar impactos por meio de parcerias estratégicas, colaboração em pesquisa e processos de internacionalização é uma jornada enriquecedora e gratificante.

Convidamos você a se juntar a nós para conhecer mais sobre os contextos locais, as oportunidades entre Brasil e Reino Unido, e o caminho para expandir e celebrar o potencial e os resultados dessa colaboração e parceria significativa.

Diana Daste,
Diretora de Engajamento Cultural



Introdução



Promovendo a internacionalização do ensino superior no Brasil

As universidades são o berço de discussões qualificadas, conceitos e inovações que abrem caminho para o conhecimento e novas possibilidades. O aumento da qualidade no ensino superior leva ao crescimento econômico e apoia a incubação, os processos, os produtos e a liderança para enfrentar os desafios globais e ajudar a alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas. A internacionalização e a melhoria da qualidade do ensino superior são um esforço compartilhado entre universidades, governos e institutos, e o British Council desempenha um papel fundamental neste processo.

Contribuímos para a abertura de caminhos no exterior para estudantes e acadêmicos, aumentando a mobilidade, viabilizando parcerias e ambientes regulatórios, gerando assim conhecimento relevante sobre internacionalização para avançar em colaborações impactantes e experiências internacionais transformadoras.

Abrimos diálogos para conectar pontos em comum, discutindo desafios e oportunidades para sistemas de ensino superior e de pesquisa mais inclusivos e internacionalmente conectados. O cenário em constante mudança e a troca de conhecimento em todo o mundo também exigem ideias e formas novas e inovadoras para remover barreiras e favorecer o crescimento de um país dentro das suas prioridades e capacidades.

O British Council apoia um ambiente para a educação internacional no Brasil, trabalhando em estratégias de internacionalização, aumentando a colaboração em pesquisas, apoiando a educação transnacional (TNE), conectando instituições em planos de ação conjuntos e abrindo as discussões sobre igualdade de gênero e diversidade no setor. Este foco na internacionalização adota novos modelos, conta com pesquisas qualificadas para mapear e entender onde diferentes instituições podem atuar em relação à internacionalização, coletar dados, refletir e compreender as principais questões e oportunidades para influenciar resultados benéficos.



Representantes de seis universidades britânicas e do governo britânico iniciaram a Missão UK-BR em São Paulo, no Centro Brasileiro Britânico @ Rodolfo Rizzo



Globalmente, o British Council prevê o futuro do ensino superior e da internacionalização de forma mais ampla, como um espaço onde as instituições respondem às oportunidades dos contextos locais e globais, sejam elas políticas, industriais ou a própria academia. No Brasil, nossa estratégia é construída em torno de três pilares temáticos:



Internacionalização do ensino superior

como um compromisso de longo prazo no país, compreendendo os objetivos de internacionalização em casa e conectando processos e oportunidades com as prioridades do Reino Unido, incluindo educação transnacional (TNE), mobilidade e governança.



Colaborações em pesquisa,

importantes para tornar os vínculos acadêmicos e científicos mais fortes e impactantes para o Reino Unido e o Brasil. Isto inclui delinear e compreender prioridades estratégicas comuns e interligar recursos entre elas.



Igualdade e diversidade de gênero

como elemento transversal em termos de valores e práticas no ensino superior. Parcerias, pesquisas e colaborações baseadas na diversidade e na inclusão são mais ricas em suas contribuições e impacto. Existe também um forte potencial para aumentar os laços entre instituições com ideias semelhantes para partilhar conhecimentos, incorporar melhores práticas e alavancar recursos.

As instituições de ensino superior podem e devem estar ligadas globalmente de forma que tenham impacto no seu contexto socioeconômico, mas que também sejam inclusivas e respondam às suas próprias necessidades institucionais.

Diana Daste, Diretora de Engajamento Cultural, British Council Brasil





Seção 1

Educação Internacional



Benefícios da internacionalização do ensino superior e da busca pela qualidade

Há um consenso crescente sobre a importância de democratizar a internacionalização e torná-la mais inclusiva. Um estudo recente, encomendado pelo British Council sobre educação transnacional (TNE) no Brasil, reuniu insights por meio de grupos focais e entrevistas, destacando essa percepção em instituições de ensino superior, tanto públicas quanto privadas. Uma prioridade comum identificada é “fortalecer a internacionalização no país”, com o objetivo de “oferecer oportunidades a estudantes que ainda não têm condições de viajar ou participar de programas de mobilidade”, ampliando o acesso à educação internacional para “alunos em situação de vulnerabilidade social”.

De forma geral, a internacionalização ocorre de diversas maneiras, destacando-se principalmente a internacionalização em casa e a internacionalização no exterior.

A internacionalização em casa promove a experiência dos estudantes ao aumentar o recrutamento de estudantes internacionais ou ao incorporar uma dimensão internacional no currículo. Na opinião de representantes de IES brasileiras, também inclui apoiar a educação e o desenvolvimento de graduandos com competências e habilidades globais, garantindo que “os estudantes concluam sua formação com uma educação global”.

As instituições também têm buscado a **internacionalização no exterior**. Um dos mecanismos para isso é a educação transnacional (TNE): **educação oferecida**

em um país diferente daquele onde a instituição responsável pelo diploma está sediada. Por exemplo, estudantes baseados no país Y que estudam para obter um diploma de uma universidade no país Z. A educação transnacional do ensino superior do Reino Unido é oferecida por meio de aprendizado online/a distância, por meio de parcerias locais de oferta (franquias, diplomas conjuntos e dupla titulação, acordos de intercâmbio, validação e acordos de qualidade) ou por meio da presença física de uma instituição do Reino Unido em outro país (campus filiais, centros de estudo ou através de corpo docente itinerante)¹.

Tanto a internacionalização em casa quanto fora do país podem trazer benefícios significativos. A internacionalização em casa pode, por exemplo, ajudar as instituições de ensino a garantir que seus alunos adquiram a compreensão, as habilidades e o conhecimento necessários para prosperar em nossas sociedades globais de conhecimento, que estão cada vez mais interconectadas. Por outro lado, a internacionalização no exterior pode ampliar o acesso à educação de qualidade para estudantes que talvez não queiram ou não possam viajar por longos períodos ou distâncias. Isso, por sua vez, ajuda a atender às necessidades educacionais e de capacitação das comunidades, ao mesmo tempo em que minimiza a fuga de cérebros e contribui para a internacionalização dos sistemas educacionais nacionais e regionais².

1 [What is UK higher education transnational education?](#), Universities UK, 2024.

2 The Future of Internationalization of Higher Education in Europe, in International Higher Education, Edição 83, H. De Wit & F. Hunter, 2015

Os benefícios potenciais da internacionalização incluem³:

- Expansão das admissões de estudantes
- Maior visibilidade institucional
- Melhoria da qualidade do ensino e da pesquisa
- Mais oportunidades de financiamento
- Redes de colaboração internacional mais amplas e acesso a informação e redes de pesquisa de ponta
- Maior visibilidade para pesquisadores e projetos
- Entrada em novos mercados educacionais
- Imagem institucional reforçada
- Melhoria em rankings nacionais e internacionais
- Aprimoramento dos indicadores de avaliação institucional

Mobilidade estudantil internacional

Nas últimas duas décadas, a América Latina representou aproximadamente 1% dos estudantes com mobilidade internacional no Reino Unido. O pico de mobilidade do Brasil em 2015 foi impulsionado pelo programa Ciência sem Fronteiras. Naquele ano, 1.495 novos estudantes brasileiros foram para o Reino Unido⁴.

Internacionalização em casa e TNE no Brasil



Cursos ministrados em **Inglês como Meio de Instrução (EMI)**:

Mais de 1.000

cursos em 2018 (primeiro semestre)



TNE fornecida pelo Reino Unido
IES em 2021–22:
alcançou

750 alunos

³ Internationalization remodeled: Definition, approaches, and rationales. Journal of Studies & International Education, Volume 8, 5–31, J. Knight, 2004.

⁴ [The state of the relationship: mapping UK Higher Education engagement with Brazil](#), Universities UK International, 2019.

Desafios enfrentados pelas IES brasileiras

A internacionalização potencializa o intercâmbio de conhecimentos, fortalece as redes de pesquisa e a colaboração institucional e conduz a um intercâmbio cultural que promove a prosperidade das nações envolvidas. No Brasil, existem desafios importantes para a plena realização e aceitação deste potencial. Os desafios dizem respeito a diferentes dimensões, benefícios e oportunidades associadas à internacionalização em suas diversas formas.

No Brasil, uma das maiores barreiras à internacionalização é o processo extremamente demorado de reconhecimento das qualificações quando os estudantes retornam ao país. Isso impacta estudantes com formação superior de instituições não brasileiras. Existe uma lacuna no reconhecimento de diferentes sistemas educativos ou diferentes modalidades de aprendizagem (como a aprendizagem online, ou parcerias colaborativas de TNE), bem como uma falta de capacidade para se envolver em diferentes atividades de internacionalização. Isto limita o crescimento e os impactos progressivos da internacionalização⁵. Para resolver esta questão, é preciso abrir um diálogo para identificar modelos de parceria que gerenciem estas lacunas. Alguns caminhos incluem parcerias de TNE com dupla titulação e um foco em planos estratégicos de internacionalização.

Dadas as tendências do mercado, o contexto pós-pandemia e a baixa priorização dos fluxos de financiamento, a TNE está em um estágio relativamente inicial de desenvolvimento no

Brasil. O British Council apoia esta agenda canalizando conhecimentos, recursos e conexões para aumentar a colaboração em TNE. “Em 2023 lançamos o edital HE Connects, juntamente com o British Council México, e atualmente executamos o edital Global TNE, conectando instituições em planos de ação conjuntos e apoiando o crescimento dos relacionamentos existentes na oferta de TNE. No edital de 2023 reconhecemos que devemos plantar estas sementes para que elas gerem formas de TNE e, ao analisar os resultados, estamos entusiasmados por compreender e confirmar estratégias para fazer avançar estes modelos”, explica Diana Daste, Diretora de Engajamento Cultural do British Council no Brasil.

Os grupos focais e as entrevistas que sustentam o estudo encomendado sobre TNE lançaram luz sobre temas-chave através dos quais as IES brasileiras e os formuladores de políticas entendem e priorizam a colaboração internacional. No que diz respeito às barreiras, a análise das conversas realizadas com IES públicas e privadas destacou cinco áreas:

- Competência no idioma inglês
- Financiamento para mobilidade internacional e parcerias de educação transnacional (TNE)
- Práticas de reconhecimento de qualificações
- Regulamentação sobre TNE
- Capacidade para aprendizado online

5 The Future of Internationalization of Higher Education in Europe, in International Higher Education, Edição 83, H. De Wit & F. Hunter, 2015.

Internacionalização em casa e aprendizagem digital em foco

“O Brasil tem como objetivo priorizar a internacionalização em casa. Isso significaria trazer estudantes e professores estrangeiros para o Brasil, pensando nisso como uma forma mais econômica em comparação ao envio de um grande número de estudantes para o exterior, e também como uma forma de proporcionar um intercâmbio cultural e muitas experiências diferentes aos nossos alunos. E tudo isto está relacionado com a ideia de fortalecer e promover as capacidades das nossas universidades nacionais.”

A observação acima foi feita por um especialista envolvido em um dos grupos focais para obter insights sobre a educação transnacional (TNE) e a internacionalização no cenário do ensino superior no Brasil. As conclusões mostram também que uma prioridade amplamente compartilhada entre os

representantes das IES é “melhorar a fluência em inglês dos estudantes e professores”, apoiar o desenvolvimento de parcerias acadêmicas com universidades internacionais e facilitar a mobilidade internacional de estudantes, tanto para dentro como para fora. As conversas com os decisores políticos apontaram prioridades semelhantes:

- Fortalecimento da internacionalização dos estudos de pós-graduação e da pesquisa brasileira
- Aumento da mobilidade internacional para estudantes de graduação brasileiros
- Ampliação do número de estudantes internacionais vindo para o Brasil
- Facilitação da internacionalização em casa





A barreira linguística continua sendo um desafio no país. Em 2018-2019, o British Council lançou um Edital de Colaboração em Inglês apoiando parcerias destinadas a compreender e melhorar políticas linguísticas. O trabalho foi realizado nos seguintes moldes: 1) Políticas de língua inglesa em nível institucional como um componente principal do processo de internacionalização, e 2) Melhoria do ensino e da aprendizagem da língua inglesa no sistema escolar público nos níveis fundamental e médio. A colaboração vinculou especialistas em línguas e pesquisadores de importantes universidades do Brasil a renomadas IES do Reino Unido; os resultados são apresentados no relatório [Do Ensino Básico à Universidade: Pesquisas e Colaborações sobre a Língua Inglesa](#) (2020).

EMI e Internacionalização em Casa

A crescente oferta de cursos ministrados em inglês por universidades para estudantes nacionais e internacionais motivou a publicação do [Guia de Ensino em inglês \(EMI\) nas Instituições de Ensino Superior Brasileiras](#) em 2016, elaborado pelo British Council em parceria com a FAUBAI. Este mapeamento foi atualizado com [uma segunda edição em 2019](#), apresentando as estruturas e tendências do EMI em todo o Brasil. Os números evidenciam a crescente importância da agenda de internacionalização em casa: os cursos passaram de 671 em 2016 para mais de 1.000 no primeiro semestre de 2018.

Dominar a língua inglesa também é fundamental nesta era de transformação digital acelerada, em que a tecnologia desempenha um papel cada vez mais crítico em todo o panorama do ensino superior e os modos tradicionais de internacionalização baseados na mobilidade estudantil evoluíram. As Instituições de Ensino Superior (IES) têm aproveitado cada vez mais as plataformas online e a tecnologia digital para apoiar estratégias de internacionalização em casa, capazes de oferecer a uma gama mais ampla de estudantes uma experiência internacional sem restrições geográficas. Da mesma forma, as atividades de “internacionalização no estrangeiro” incorporam cada vez mais a aprendizagem digital e modos híbridos de prestação de serviços para apoiar e complementar formas mais tradicionais e presenciais de operações TNE. Estes incluem filiais internacionais e parcerias acadêmicas, que abrem novas fronteiras para a colaboração internacional⁶.

6 The Future of Internationalization of Higher Education in Europe, in International Higher Education, Edição 83, H. De Wit & F. Hunter, 2015.

Educação transnacional: uma estratégia global

Como afirmado anteriormente, a educação transnacional (TNE) é definida⁷ como educação ministrada num país diferente daquele em que a instituição concedente está sediada – ou seja, estudantes residentes no país Y que estudam para obter um diploma de uma universidade no país Z. O setor de ensino superior do Reino Unido está na vanguarda do crescimento global de TNE (ver dados na ilustração a seguir). A maioria das universidades do Reino Unido tem oferta de cursos no exterior. O tipo de atividades de TNE realizadas é determinado pelas suas prioridades estratégicas de envolvimento global, mas também pelo contexto operacional e regulamentar nos países parceiros. A maioria das universidades do Reino Unido trabalha com parceiros locais (geralmente uma universidade ou faculdade) para oferecer os seus programas.

A Estratégia de Educação Transnacional definida pelo British Council para 2023-2025 serve como uma ferramenta para orientar o compartilhamento de conhecimento e o envolvimento entre as principais partes interessadas.

Existem quatro ações principais delineadas na estratégia:

Ação

1

Contribuir para maior qualidade dos dados e insights sobre TNE do Reino Unido.

Ação

3

Contribuir para uma melhor compreensão do contexto local e facilitar um ambiente regulamentar e operacional para melhor apoiar as parcerias TNE.

Ação

2

Criar um ambiente favorável para TNE em outros países e promover a qualidade da TNE do Reino Unido internacionalmente.

Ação

4

Apoiar a TNE para contribuir para a transformação dos sistemas educativos locais e colaborar para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

7 [What is UK higher education transnational education?](#), Universities UK, 2024.



Reino Unido na vanguarda



228

países e territórios



510.835

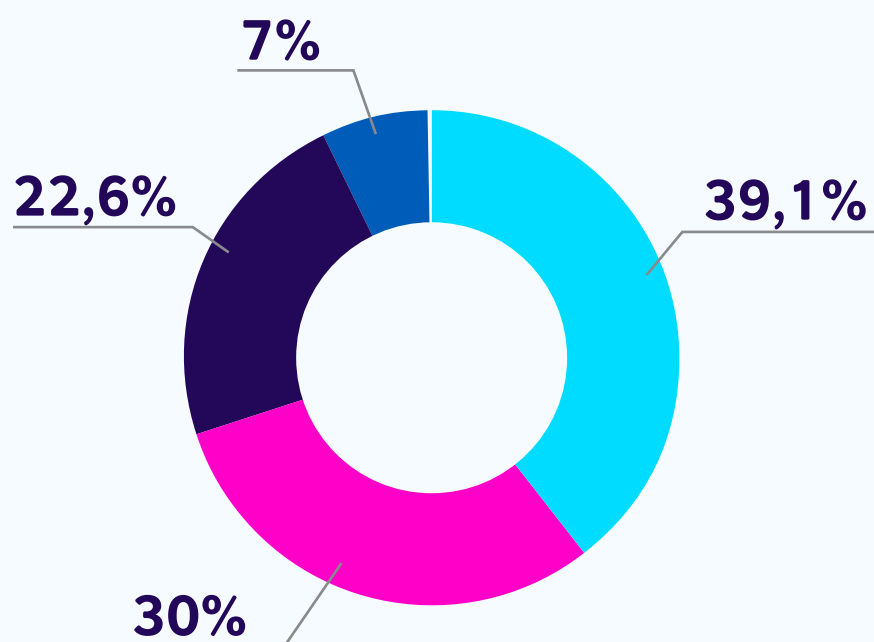
Alunos de TNE



12,7%

crescimento
recorde em
2020-2021, em
comparação com
2019-2020

Modelos de estudo



- Oferta colaborativa
- Aprendizagem à distância, flexível ou distribuída
- Estudantes matriculados em uma organização parceira no exterior
- Alunos aprendendo em campi no exterior

Fonte: [The scale of UK higher education transnational education 2020-21](#), Universities UK International (UUKi) e British Council.

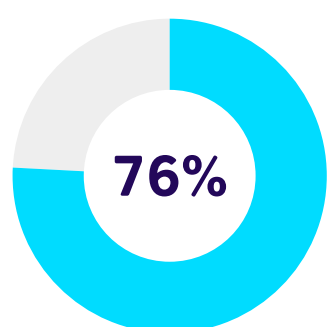
Oportunidades para TNE no Brasil

Considerando os três principais componentes da internacionalização do ensino superior – mobilidade internacional de estudantes, colaboração em pesquisa e parcerias transnacionais de educação –, o estudo sugere que os dois primeiros já estão listados como prioritários pelas IES brasileiras (ver ilustração nesta página), enquanto a TNE ainda está em seus passos iniciais. Em comparação com o resto do mundo, as parcerias de TNE entre o Reino Unido e a América Latina permanecem limitadas, com apenas 0,6% dos estudantes TNE do Reino Unido ativos na América do Sul. Em toda a região, o México é o país mais ativo, com quase 900 estudantes TNE em 2021-2022⁸; o Brasil teve 750 alunos de TNE no mesmo ano letivo. Os mecanismos dominantes de realização de TNE são o ensino à distância e a educação online⁹. Estes representaram 84% da TNE no Brasil. A principal forma de qualificação é a

dupla titulação e a TNE é mais frequente no nível de pós-graduação.

Como afirma o relatório da América Latina¹⁰, os stakeholders nacionais encaram a TNE como um veículo para alcançar uma maior internacionalização do ensino superior. Os benefícios adicionais incluem o desenvolvimento de regiões e comunidades locais. A TNE contribuiu de maneira valiosa na oferta de cursos que não existiam em algumas regiões, fortaleceu os laços e a capacitação para o mercado de trabalho local, ajudou a reter talentos e a prevenir a fuga de cérebros (porque os estudantes se estabeleceram onde se formaram). Além disso, as IES podem acessar recursos de financiamento para projetos que beneficiem a sociedade, uma vez que o governo nacional dá prioridade ao desenvolvimento socioeconômico.

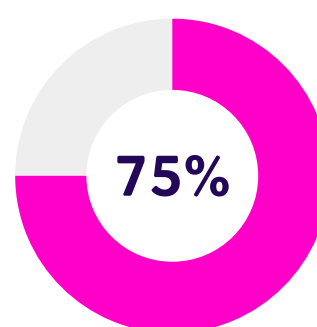
Prioridades para as IES no Brasil



PRIORIDADE MÁXIMA

Estudar no exterior e intercâmbio estudantil

foi considerada uma prioridade máxima pelas IES pesquisadas



PRIORIDADE

Colaborações internacionais de pesquisa

foi considerada uma prioridade pelas IES pesquisadas

Fonte: [Brief report - Globalising Higher Education: TNE Models and Regulatory Insights in Latin America](#), British Council, 2024.

⁸ [Brief report - Globalising Higher Education: TNE Models and Regulatory Insights in Latin America](#), British Council, 2024.

⁹ UK Higher Education Statistics Agency's (HESA's) Aggregate Offshore Record.

¹⁰ The landscape of transnational education and mutual recognition of qualifications in Latin America, TNE Americas: Brazil, British Council, 2024.



Modelos de TNE

Compreender as múltiplas formas de proporcionar educação transnacional é fundamental para planejar a melhor estratégia de parcerias entre instituições que sejam adequadas ao sistema de ensino superior, bem como ao contexto social e acadêmico do país.

Modelo de educação transnacional		Características	Riscos	Benefícios
Autônomo	Campus filial	Um campus físico estabelecido em um país estrangeiro por uma instituição estrangeira, oferecendo programas que conferem um diploma ou qualificação da instituição de origem.	Custos elevados, conformidade regulamentar, diferenças culturais e potencial de exploração.	Acesso à educação de alta qualidade, exposição a diferentes culturas e aumento da reputação institucional.
	Ensino à distância e online	Os programas ministrados on-line ou por meio de outras formas de aprendizado remoto permitem que os alunos estudem de qualquer lugar do mundo sem comparecer fisicamente às aulas.	Interação presencial limitada, potencial para burlar o sistema, falta de motivação.	Opções flexíveis de aprendizagem, acesso a diversos recursos acadêmicos, custos reduzidos.
Com apoio local	Franquia	Uma instituição local em um país estrangeiro licencia o nome e os programas acadêmicos de uma instituição estrangeira, oferecendo esses programas aos estudantes por meio da marca dessa instituição estrangeira.	Falta de controle institucional, desafios de garantia de qualidade e potencial de exploração.	Acesso à educação de alta qualidade, exposição a diferentes culturas e aumento da reputação institucional.
	Aprendizagem híbrida	Uma instituição estrangeira que oferece seus programas por meio de um modelo de aprendizagem híbrida, apoiado por uma instituição ou instituições locais.	Controle restrito sobre a qualidade do suporte tutorial e pedagógico, além de desafios na coordenação do modelo de aprendizagem híbrida.	Melhor envolvimento e experiência dos alunos em comparação com ensino à distância independente ou on-line.

Modelo de educação transnacional		Características	Riscos	Benefícios
Colaborativo	Programa de titulação conjunta	Parceria entre duas ou mais instituições em países diferentes, onde os alunos obtêm um único diploma concedido em conjunto pelas instituições participantes.	Desafios de garantia de qualidade, compatibilidade de sistemas acadêmicos, restrições de recursos.	Acesso a diversos recursos acadêmicos, exposição a diferentes culturas, aumento da empregabilidade.
	Programa de dupla titulação	Um programa que permite aos estudantes obter dois diplomas de instituições diferentes em países diferentes, muitas vezes exigindo que estudem por períodos definidos em ambas as instituições.	Restrições de recursos, compatibilidade de sistemas acadêmicos, desafios de garantia de qualidade.	Exposição a diversos recursos acadêmicos, maior empregabilidade, habilidades linguísticas aprimoradas.

Fonte: Knight, J. e J. McNamara (2017), Transnational education: A classification framework and data collection guidelines for international programme and provider mobility. Relatório para o British Council e DAAD (2017) – Tabela 5. Resumo dos Modelos TNE – Relatório da América Latina p. 25-26



TNE: contexto atual e principais desafios

Existem muitas oportunidades para promover TNE no Brasil, incluindo: recrutamento de estudantes internacionais, desenvolvimento de parcerias acadêmicas, realização de projetos de pesquisa colaborativos, fortalecimento da internacionalização no país e melhoria das habilidades em língua inglesa. Todos eles visam aumentar o engajamento global e a competitividade das IES brasileiras.

Superar as barreiras para cumprir estas prioridades é o principal caminho para facilitar um processo de internacionalização inclusivo e eficaz. Os principais desafios da TNE¹¹ no Brasil são, portanto:

Proficiência na língua inglesa

De acordo com pesquisa publicada pelo British Council em 2013, apenas 5% dos adultos brasileiros afirmaram “ter algum conhecimento da língua inglesa”, sendo que menos da metade descreveu seu nível de inglês como “intermediário” ou “avançado/fluyente”¹². Outra pesquisa realizada pelo British Council, com base em dados do Censo Escolar de 2017, mostrou que, entre os professores das unidades administrativas públicas estaduais, “somente 45% possuem formação superior específica na área”¹³. Muitos professores não são especialistas em inglês ou até ensinam inglês junto com outras disciplinas. Isto ajuda a explicar o cenário de desigualdades que atinge mais duramente os estudantes em vulnerabilidade social. Normalmente, os alunos frequentam cursos em institutos de língua inglesa, pois muito poucas escolas particulares preparam seus alunos para concluir o ensino médio com proficiência equivalente ao nível B2 ou superior.



11 The landscape of transnational education and mutual recognition of qualifications in Latin America; TNE Americas: Brazil, British Council, 2024.

12 [Learning English in Brazil](#), British Council, 2014.

13 English language teacher education in Brazil. Recommendations for educational policies, Vander Viana and Telma Gimenez, British Council, 2022.



Reconhecimento de Qualificação e Regulamentos

No Brasil, a falta de um Referencial Nacional de Qualificação contribui para tornar desafiador o reconhecimento de titulações. Além das complexidades para obter aprovações de vários órgãos reguladores e da ausência de legislação específica que aborde a TNE, os processos exigem que cada IES brasileira busque (ou seja procurada para) parcerias colaborativas, agravando o desafio.

Criando um ambiente para a educação internacional e transnacional

O British Council está conectando instituições por meio de planos de ação conjuntos no edital **HE Connects**. “Nosso objetivo é expandir as colaborações existentes e entender qual modalidade é a mais adequada para que elas se transformem em uma oferta mais ampla de TNE”, explica Diana Daste, Diretora de Engajamento Cultural do British Council no Brasil. Em um projeto chamado Game Changer, estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em colaboração com alunos e funcionários da Durham University, buscam soluções para o desenvolvimento sustentável. “Um de nossos objetivos era que cada aluno tivesse uma experiência internacional enquanto estudava, e por meio do aprendizado colaborativo online, isso se tornou realidade”, afirma o Prof. Dr. Andrew Macrae, Professor de Biotecnologia Microbiana e Diretor de Relações Internacionais da UFRJ. Segundo ele, o envolvimento do British Council permite um alcance maior entre as universidades e os países. “Do nosso lado, contribuímos para os objetivos de desenvolvimento sustentável, oferecendo uma educação mais robusta. Isso impulsiona oportunidades e desenvolve o crescimento de forma inclusiva e equitativa”, conclui Diana.

Custo

Negociar acordos recíprocos com as IES para que nenhuma das instituições cobre mensalidades geralmente não é possível com as IES do Reino Unido. Isso às vezes desmotiva o estabelecimento de programas de titulação conjuntos e de dupla titulação. O alto custo de vida e de acomodação também pode ser um problema para os estudantes brasileiros. No entanto, a duração do curso (um ano para o mestrado em tempo integral) é uma vantagem em comparação com programas mais longos em outros países, o que ajuda a reduzir as despesas.

Capacidade institucional e resistência acadêmica

Os participantes do estudo observaram que a TNE exige que as IES brasileiras aloquem pessoal e recursos financeiros adicionais, e isso pode ser um problema quando os orçamentos são apertados. Além dos desafios financeiros, as diferenças culturais e estruturais entre os sistemas educacionais são outro obstáculo: as práticas, as estruturas dos programas de pós-graduação e até mesmo o papel do ensino e da pesquisa na progressão acadêmica podem variar. A resistência acadêmica nas IES brasileiras se deve a múltiplos fatores: falta de conscientização sobre as possibilidades de colaboração transnacional, a burocracia para buscar a internacionalização é cansativa e as universidades estaduais e federais às vezes não veem a necessidade de se envolver em programas de TNE porque já estão bem avaliadas pelas agências governamentais.

Política nacional de internacionalização

Considerando a falta de uma política nacional de internacionalização, as instituições lutam para priorizar programas de educação transnacionais. As restrições e os cortes orçamentários também impactam a oferta de TNE, destacando a necessidade de uma abordagem sistêmica e de um compromisso estratégico com a internacionalização a nível nacional. Há avanços nessa frente com o atual Plano de Políticas de Pós-Graduação (PPG-CAPES), definindo a internacionalização como um motor de crescimento e impacto inclusivos e enquadrando temas-chave para apoiar a colaboração internacional nesta agenda.



Reconhecimento simplificado: uma urgência local

No Brasil, as IES são legalmente responsáveis pelo reconhecimento de diplomas estrangeiros, uma vez que não existe um sistema de créditos uniforme em nível nacional. Entre as 37 IES brasileiras consultadas em pesquisa recente, 19 instituições concordaram que o reconhecimento é um processo demorado, 14 disseram que é muito caro e 13 disseram que é muito difícil.

A eficácia de um acordo bilateral de Reconhecimento Mútuo de Qualificações (MRQ) entre governos depende do quadro legislativo e regulamentar de cada país. Os sistemas educacionais no Brasil e no Reino Unido são descentralizados, e as instituições têm padrões e práticas variadas, o que dificulta obter um nível uniforme de qualidade.

Nas Américas, no México, Argentina, Colômbia e Peru, os acordos bilaterais MRQ são uma ferramenta importante para incentivar o crescimento da TNE. Embora seja improvável que um acordo bilateral governamental funcione no Brasil, as partes interessadas que participaram do estudo identificaram outras alternativas para simplificar o processo de reconhecimento:

- **Estabelecer acordos com associações de ensino superior**, como a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) e a Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais (ABRUEM). Se o acordo envolver o Ministério da Educação, este processo será mais eficaz.
- Usar o Arcu-Sul como modelo, pois ele **avalia programas oferecidos por universidades dos estados-membros do Mercosul** (Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai) e nações associadas (Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Peru e Suriname). Existem custos financeiros envolvidos na condução do processo, por exemplo, o pagamento de avaliadores estrangeiros, e esses custos poderiam ser compartilhados pelas IES interessadas em participar.
- Para os estudantes, o caminho mais seguro para o reconhecimento de crédito é **ir para o exterior já sabendo qual instituição no Brasil reconhecerá o diploma**. A Plataforma Carolina Bori facilita essa pesquisa e, uma vez revalidado um diploma estrangeiro por uma instituição brasileira, é utilizado um *fast track* na Plataforma Carolina Bori.
- Na pós-graduação, a Universidade de Brasília (UnB) adotou a política de **reconhecer automaticamente títulos de doutorado realizados no exterior com recursos do governo brasileiro**. Isto também pode se revelar um bom modelo para reconhecimento acelerado.



Maneiras de aumentar a educação transnacional entre IES do Reino Unido e do Brasil

Promover a colaboração internacional com instituições de ensino superior experientes faz parte de um plano estratégico para facilitar a transferência de conhecimento e experiência em todo o mundo. De acordo com estimativas da UNESCO, o Brasil tinha o décimo maior número de estudantes do ensino superior com mobilidade internacional no mundo em 2020, com mais de 89 mil estudantes estudando no exterior¹⁴. O engajamento com a ampla diversidade de instituições públicas e privadas de ensino superior do país oferece enormes oportunidades. Para facilitar e orientar esse envolvimento, os formuladores de políticas, as IES brasileiras e as partes interessadas do setor de ensino superior do Reino Unido precisam considerar movimentos e mudanças específicas para fazer avançar a agenda da educação internacional.

Panorama do ensino superior brasileiro¹⁵

No Brasil, as IES são classificadas em universidades, centros universitários, faculdades e instituições federais voltadas para a formação profissional (IFs e CEFETs). As instituições públicas (federais, estaduais e municipais) representam 12% de todas as IES. Elas não cobram mensalidades e recrutam cerca de 23% de todos os estudantes de ensino superior por meio de um processo seletivo altamente competitivo. Essas IES tendem a ser mais prestigiadas do que as privadas. A maioria dos estudantes frequenta IES privadas.



2.595

instituições

70% delas no setor privado



+ 9.4

milhões

de alunos matriculados

78% deles estudam em IES privadas



9.186

curso de graduação a distância

3 milhões de alunos iniciaram esses cursos em 2022

¹⁴ [UNESCO Institute for Statistics](#), UIS Database. Acesso em novembro de 2022.

¹⁵ Market Intelligence Brief Brazil, British Council, 2023 e [Censo da Educação Superior de 2022](#), INEP.



O setor de ensino superior do Reino Unido está bem posicionado no contexto para apoiar a internacionalização das IES brasileiras. Em linha com esse papel de apoio, o British Council encomendou recentemente dois estudos¹⁶ investigando e analisando as práticas de TNE no Brasil e no contexto das Américas. O Relatório da América Latina revelou o panorama internacional do ensino superior no Brasil, no México e no Peru, estudou as políticas regulatórias e o envolvimento entre o Reino Unido e a América Latina, bem como os benefícios e desafios para as parcerias TNE segundo a percepção das partes interessadas do ensino superior e do governo. O relatório listou recomendações interessantes para o Brasil, resumidas a seguir:

Formuladores de políticas

Uma maior cooperação entre governos cria incentivos para atrair projetos de educação transnacional entre IES do Reino Unido e do Brasil. Recomendações:

- **Maior apoio financeiro direto por parte das agências nacionais** no Reino Unido e no Brasil para apoiar projetos de TNE, seguindo o exemplo de programas financiados bilateralmente pelos governos.
- **Incluir uma opção rápida para a criação de cursos e programas** de pós-graduação como parte de novas e integradas iniciativas de dupla titulação.
- **Construir parcerias de TNE a partir de redes de pesquisas existentes.**
- Melhorar a colaboração entre agências governamentais e IES para **desenvolver diretrizes para TNE.**

Instituições de Ensino Superior

A educação internacional desenvolve-se bem como estratégia se for institucionalizada e receber o foco e o apoio adequados.

Recomendações:

- **Desenvolver uma estratégia de internacionalização institucional** que inclua TNE como um componente ao lado de colaborações de pesquisa e mobilidade de estudantes e funcionários, definindo objetivos mensuráveis, metas específicas e fornecendo incentivos.
- **Melhorar a conscientização sobre TNE e seus benefícios**, por exemplo, identificar membros do corpo docente com experiência e interesse na colaboração internacional para atuarem como “embaixadores da internacionalização” em suas universidades.
- **Garantir o apoio de toda a instituição para TNE**, reduzindo a carga de trabalho de cada membro do pessoal para gerir longos processos burocráticos e utilizando o corpo docente ou a faculdade ou instituto mais bem posicionado para estabelecer uma parceria internacional com universidades do Reino Unido.
- **Fornecer apoio financeiro** às iniciativas TNE, encorajando o engajamento delas.
- **Desenvolver e compartilhar conhecimento.** Boas práticas e estudos de caso de TNE bem-sucedidos podem ser compartilhados, inspirando melhores práticas.
- **Desenvolver habilidades linguísticas.** Fornecer suporte em inglês e outros idiomas estrangeiros para funcionários e alunos, bem como suporte em português para estudantes e funcionários estrangeiros.

¹⁶ The landscape of transnational education and mutual recognition of qualifications in Latin America, British Council, 2024; TNE Americas: Brazil, British Council, 2024.



Partes interessadas do Reino Unido

Os programas bem-sucedidos de TNE e de mobilidade entre o Brasil e outros países são apoiados por programas financiados pelo governo, de modo que as oportunidades para a construção de parcerias institucionais sustentáveis na América Latina dependem do apoio governamental.

Recomendações:

- **Estabelecimento de programas financiados pelo governo.** As iniciativas bilaterais como PROBRAL (Brasil-Alemanha) e BRAFITEC (Brasil-França) são bem-sucedidas e demonstram o envolvimento contínuo de parcerias a nível institucional.
- **Expansão das relações entre instituições** além das atividades de pesquisa, incluindo parcerias de ensino. A colaboração entre o Conselho de Pesquisa em Engenharia e Ciências Físicas do UKRI e a FAPESP é um bom exemplo de submissões conjuntas de pesquisas entre IES do Reino Unido e do Brasil.
- **Considerar realizar TNE no idioma local**, pois isso pode ampliar significativamente o acesso a diplomas e qualificações internacionais, dada a proficiência limitada da língua inglesa em toda a América Latina.
- **Melhoria da proficiência no idioma** do corpo docente do Reino Unido envolvido em ofertas de TNE para fortalecer as parcerias de ensino entre o Reino Unido e as IES locais.
- **Desenvolvimento de plataformas colaborativas para projetos COIL** virtuais. COIL significa Collaborative Online International Learning e é uma forma econômica de fortalecer parcerias existentes e desenvolver novas.



Somando-se à mesma discussão, o estudo sobre TNE no Brasil também forneceu recomendações para enfrentar os principais desafios e prioridades, identificados em entrevistas e análises:

1 Uso do inglês nos programas de IES brasileiras

Elaborar um plano estratégico nacional destinado a aprimorar as competências em língua inglesa de estudantes e professores brasileiros e, ao mesmo tempo, apoiar o crescimento dos programas educacionais oferecidos em inglês.

2 Internacionalização em casa

Elaborar um plano estratégico que vise aprimorar a capacidade das IES brasileiras de internacionalizar sua oferta educacional e a experiência de todo o corpo discente, e apoiar o alinhamento com os padrões de instituições reconhecidas internacionalmente.

3 Reconhecimento de qualificação

Rever a prática atual de reconhecimento de qualificações, incluindo a plataforma Carolina Bori, para melhorar a eficiência e a eficácia e desenvolver um Referencial Nacional de Qualificações para facilitar os processos de reconhecimento.

4 Financiamento

Analisar o custo da internacionalização e como as IES brasileiras podem se envolver em modelos de internacionalização financeiramente viáveis e mais inclusivos, como o estabelecimento de um novo esquema nacional de financiamento de mobilidade de saída e um esquema de empréstimos públicos e/ou privados para apoiar as experiências internacionais dos estudantes.

5 Regulação de TNE

Rever o marco regulamentar de TNE, para que os benefícios associados aos diferentes modelos de prestação possam ser acessados.

6 Garantia de qualidade

Rever o sistema externo de garantia de qualidade existente para que os mecanismos sejam implementados e capazes de impulsionar a internacionalização com qualidade.

7 Estratégia de Educação Internacional a nível nacional

Desenvolver uma Estratégia de Educação Internacional para o Brasil, definindo as principais prioridades, objetivos e metas, e delineando ações estratégicas. As estratégias de internacionalização de países como o Reino Unido podem ser utilizadas como referência, com adaptações para o contexto brasileiro.

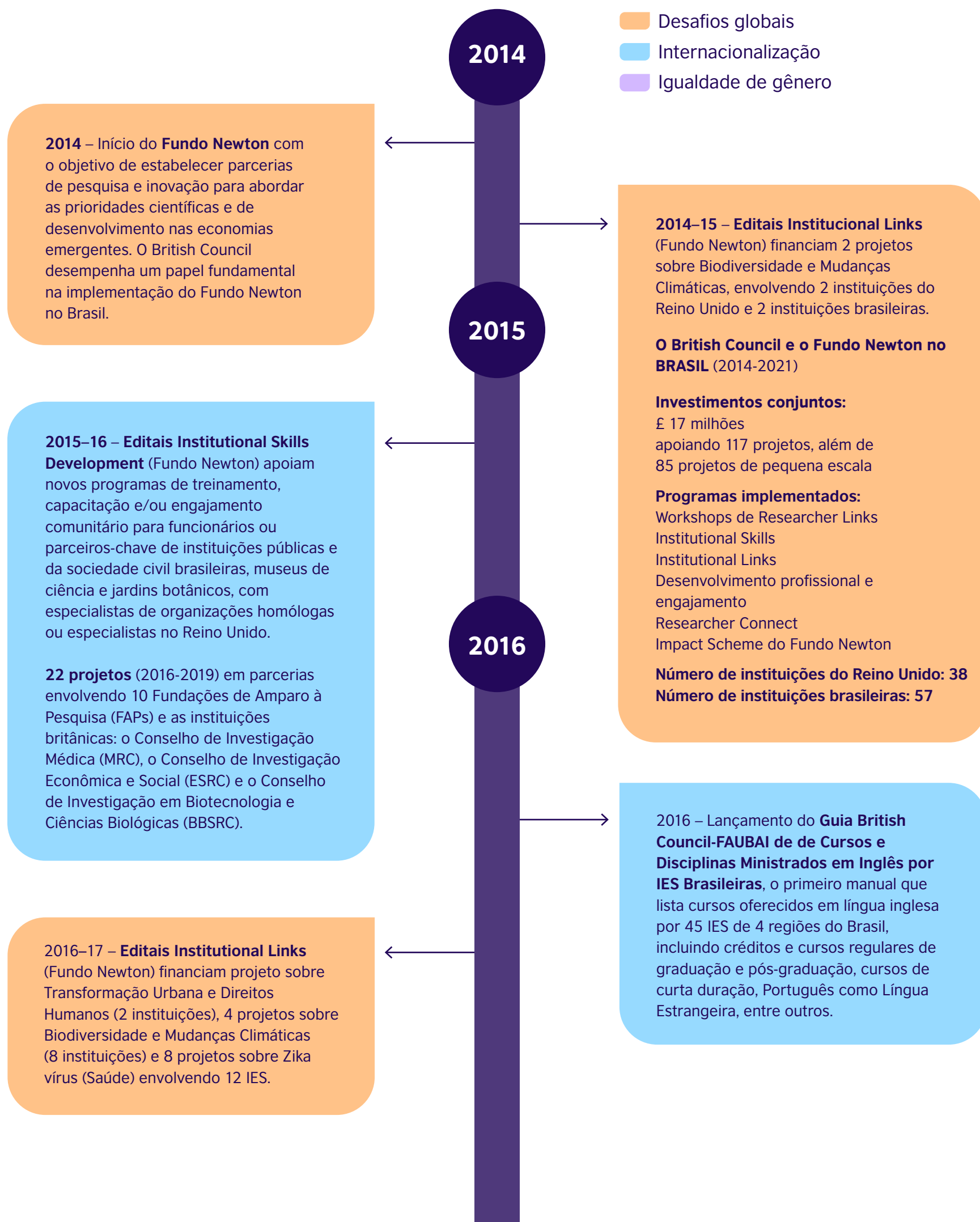


Linha do tempo





Iniciativas de internacionalização do British Council no Brasil



2017

2017-18 – Primeira edição do **Edital de Capacitação e Internacionalização para Ensino Superior - Universidades para o Mundo**, programa para apoiar estratégias de internacionalização sustentáveis e implementáveis nas universidades brasileiras, com base no conhecimento e experiência das IES do Reino Unido na área.

8 projetos de parceria Reino Unido-Brasil, financiados pelo Conselho Britânico.

2017 – **Seminários Universidades para o Mundo** são realizados em polos universitários do Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste do Brasil, para discutir o reconhecimento de diplomas, inovação e pesquisa aplicada em parcerias internacionais, os passos necessários para internacionalizar o acesso à língua inglesa.

2017-18 – **Editais Institucional Links** (Fundo Newton) financiam 7 projetos sobre Agricultura e Nexus (14 instituições) e 2 projetos sobre Biodiversidade e Alterações Climáticas (4 IES).

2018

2018 – Primeiro número da publicação **Universidades para o mundo** mostra a necessidade de incentivar o diálogo e a sustentabilidade de um projeto de internacionalização de longo prazo para o Brasil.



Universidades para o Mundo: desafios e oportunidades para a internacionalização

2018 – Em Londres, o British Council realiza o **Seminário UK-BR sobre Internacionalização no Ensino Superior** em que universidades brasileiras e britânicas discutem os principais desafios e oportunidades relacionados ao programa CAPES-PrInt, parcerias, inglês como meio de instrução, qualidade, rankings e educação transnacional.

2018 – Lançamento do programa **Mulheres na Ciência no Brasil** para promover inclusão social e de gênero no ensino superior.

2018-19 – Segunda edição do **Edital de Capacitação e Internacionalização para o Ensino Superior - Programa Universidades para o Mundo**, em parceria com ABRUEM e CONFAP.

4 projetos de parcerias Reino Unido-Brasil, financiamento pelo British Council.

2019

2018–19 – Segunda edição do manual sobre cursos ministrados em inglês no país, hoje denominado **Guia de Inglês como Meio de Instrução nas IES brasileiras**, em parceria com a FAUBAI e especialistas em língua inglesa.

2018–19 – **Editais Institutional Links** (Fundo Newton) financia 3 projetos sobre Saúde e Doenças Negligenciadas, envolvendo 5 IES.

2019 – A segunda edição da publicação **Universidades para o Mundo** aborda temas relacionados à agenda de internacionalização e seu avanço no Brasil e no Reino Unido. Além disso, apresenta os resultados do Seminário Reino Unido-Brasil sobre Internacionalização no Ensino Superior e de seus workshops, que contaram com a participação de departamentos de relações internacionais, pesquisa e língua inglesa.



Universidades para o Mundo: estratégias e avanços no caminho da internacionalização

2018–19 – **Editais UK-Brazil English Collaboration Call** concentra-se nas políticas linguísticas nas IES brasileiras.

8 projetos
18 universidades – 11 no Brasil e 7 no Reino Unido



Edição especial Do Ensino Básico à Universidade: Pesquisas e Colaborações sobre a Língua Inglesa.

2019 – **Impact Scheme Fundo Newton** apoia projetos nas áreas de meio ambiente, sustentabilidade e social

6 propostas: 4 – British Council, 2 – UKRI
5 estados brasileiros: Amazonas, Paraná, Maranhão, Minas Gerais e São Paulo

2019–20 – Com financiamento do Fundo Newton em 2019, o **Editais Researcher Links** oferece workshops científicos em 2020.

13 propostas
6 estados brasileiros: São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Maranhão, Espírito Santo e Distrito Federal

2019 – Na missão **Gênero e STEM em Londres**, uma delegação brasileira participa de reuniões em instituições do Reino Unido.

2019–20 – A quarta edição do **Capacitação e Internacionalização para o Ensino Superior - Programa Universidades para o Mundo** visa fortalecer as habilidades e capacidades para internacionalização nas universidades brasileiras e nas parcerias Reino Unido-Brasil por meio do compartilhamento de conhecimento.

2020

2019 – Formação de mulheres cientistas em inovação e empreendedorismo e lançamento da primeira **Revista Mulheres na Ciência**.



Revista Mulheres na Ciência nº1

2020 – A terceira edição da publicação **Universidades para o Mundo** reúne resultados de workshops e seminários realizados no Reino Unido sobre processos de garantia de qualidade na internacionalização das universidades.



Universidades para o Mundo: em busca da qualidade na internacionalização

2021

2020 – Lançamento da segunda **Revista Mulheres na Ciência**.



Revista Mulheres na Ciência nº2

2021 – Lançamento da terceira **Revista Mulheres na Ciência**.

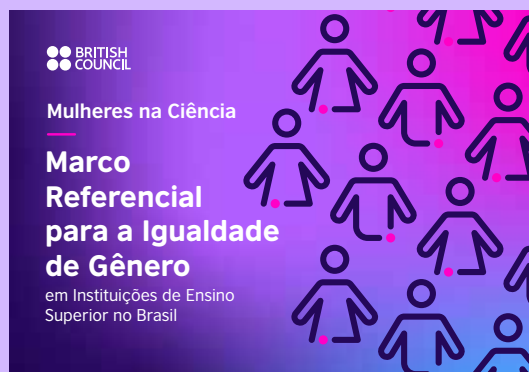


Revista Mulheres na Ciência nº3

2021 – O Edital **UK-Brazil Gender Equality Partnerships** financia 9 projetos e tem como foco desenvolver capacidades e compreender as necessidades específicas do Brasil por meio de workshops Reino Unido-Brasil. O resultado é o **Marco Referencial para a Igualdade de Gênero em Instituições de Ensino Superior no Brasil**, uma ferramenta para apoiar a agenda de igualdade de gênero nas universidades brasileiras.

2022

2022 – O **Marco Referencial para a Igualdade de Gênero em Instituições de Ensino Superior no Brasil**, desenvolvido em conjunto por 35 IES britânicas e brasileiras, é uma carta de princípios com ferramentas para o desenvolvimento de políticas de igualdade de gênero nas IES brasileiras, inspirado no Athena Swan Charter.



2021 – **Podcast Women in Science**, Série 1 e 2.



2023

2023 – **Série de workshops** para disseminar o Marco Referencial para a Igualdade de Gênero em 10 estados de todas as cinco regiões do Brasil.

2023 – O **Fundo Internacional de Parcerias Científicas (ISPF)** começa a apoiar pesquisadores e inovadores do Reino Unido para colaborar com parceiros internacionais em projetos multidisciplinares. O British Council lança/organiza:

- **Colaborações de pesquisas**
- **Bolsas para pesquisadores em início de carreira**
- **Parcerias Reino Unido-Brasil** – como parte da iniciativa Amazônia+10, uma aliança de 25 fundações estaduais de pesquisa no Brasil, usando ciência, tecnologia e inovação para fazer a transição para um novo modelo de desenvolvimento sustentável para a Amazônia brasileira.
- **Subsídios para organizar workshops de pesquisa Brasil-Reino Unido**

2023–24 – O **Editais HE Connects: Parcerias Reino Unido – Américas para TNE e Internacionalização**, voltado para o Brasil e o México, é lançado dentro do programa Going Global Partnerships. O objetivo é construir colaborações e relações de longo prazo para acelerar as atividades de internacionalização do ensino superior, com foco no Reconhecimento Mútuo de Qualificações (MRQ) e na educação transnacional (TNE).

2024

2024 – Lançamento do **Prêmio Mulheres e Ciência** pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com o Ministério das Mulheres, o Banco de Desenvolvimento da América Latina e do Caribe (CAF) e o British Council, apoiador da categoria Mérito Institucional.

2024 – Lançamento do **Grupo de Trabalho Interinstitucional para Gênero e Diversidade na Educação Superior e Ciência**, presidido pelo - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) no primeiro ano, com o British Council responsável pela secretaria executiva.



Seção 2

Colaboração em pesquisa



Colaboração em pesquisa

A porcentagem da produção científica no Brasil resultante de colaborações internacionais foi de 36% entre 2015 e 2019, de acordo com um estudo realizado pela Dalian University of Technology¹⁷, com base em dados da Clarivate. Países da União Europeia, como França, Finlândia, Áustria e Bélgica, apresentam índices que variam de 55% a 65%. “O Brasil deveria investir mais para apoiar e fortalecer a cooperação internacional”, sugere Odir Dellagostin, presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) desde 2017 e, desde 2020, na presidência do Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (CONFAP). Ainda há muito a avançar, no entanto, é possível observar progressos no número de artigos brasileiros escritos com colaboração internacional, já que este índice

aumentou nos últimos anos (chegando a 32,5% em 2018, de acordo com a plataforma Scopus da Elsevier), em comparação com 20% da média global. Existe um grande potencial para a citação ponderada como forma de expandir parcerias e colaborações. O Reino Unido é o segundo maior parceiro de pesquisa do Brasil¹⁸, representando 6% da produção total de colaboração em pesquisa do país (conforme descrito no quadro abaixo). “As Ciências da Saúde representam a área com o maior número de pesquisas conjuntas entre São Paulo e o Reino Unido. Precisamos olhar para essa realidade e reforçá-la, pois é mais fácil construir em cima de algo que já está funcionando. Isso significa alcançar o próximo nível”, afirmou Marco Antonio Zago, presidente da FAPESP¹⁹.

	Volume de publicações (2021)	% de publicações com colaboração internacional	Países com maior número de coautoria (classificação e % do total da produção colaborativa)
Brasil	102.325	35.5	1. EUA: 14% 2. Reino Unido: 6% 3. Espanha: 4.7% 4. Alemanha: 4,7% 5. França: 4.4%

Fonte: Análise dos dados do [Scival/Scopus](#), Elsevier, 2023.

17 Revista Pesquisa FAPESP, nº 293, 2020.
18 Os Estados Unidos são o primeiro parceiro de pesquisa no Brasil.
19 [Delegação britânica visita a FAPESP com o intuito de intensificar colaborações em pesquisa](#), Agência FAPESP, 2024.



Há um grande potencial para aprimorar a colaboração em pesquisa e a produção acadêmica entre o Reino Unido e o Brasil. **Em 2023, o Brasil publicou 156.800 artigos, sendo 75% deles de acesso aberto. Essa quantidade coloca o país na 10ª posição** de acordo com a OpenAlex²⁰. Ciente de que a colaboração entre países é imperativa em um mundo cada vez mais globalizado e interconectado, o Brasil tem mais de 40 acordos de cooperação bilateral em Ciência e Tecnologia²¹.

Áreas de foco

- Transição energética
- Saúde
- Meio Ambiente
- Sustentabilidade
- Inteligência Artificial

“Acho que essas são as cinco principais áreas que precisam ser fortalecidas por meio de investimentos ainda mais robustos e parcerias internacionais cada vez maiores. A inteligência artificial está em franca expansão e um programa nacional foi apresentado na Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, realizada no final de julho de 2024, em Brasília”, declara Odir Dellagostin, presidente do CONFAP e membro ativo do Conselho de Ciência e Tecnologia.

Nas últimas décadas, o Brasil assumiu uma posição de grande relevância na produção científica mundial. Há trinta anos, o número de pesquisadores com doutorado era muito pequeno. “Quando voltei do doutorado, nos anos 90, na minha universidade, tínhamos cerca de 700 professores e apenas 70 deles eram doutores, o que corresponde a 10%. Hoje, nas universidades estaduais e federais, a maioria dos professores tem doutorado e muitos deles estão envolvidos em atividades de pesquisa”, observa Dellagostin.

As parcerias em projetos de pesquisa resultam em produção científica e artigos científicos em coautoria. Porém, essas parcerias geralmente acontecem quando há ações de incentivo à conexão, por exemplo, workshops colaborativos entre pesquisadores brasileiros e britânicos. O British Council tem promovido diversos eventos com o objetivo de estabelecer conexões, iniciar ou fortalecer parcerias e desenvolver capacidades individuais e institucionais para participar e se engajar em diversas colaborações. Também mantém Memorandos de Entendimento (MoUs) com parceiros institucionais em campos de pesquisa acadêmica e científica, como o CONFAP. Uma parceria substancial entre as Fundações de Amparo à Pesquisa e o Reino Unido começou há dez anos, com o Fundo Newton, que oferecia diferentes programas (veja a próxima página). “Atualmente, estamos operando o Fundo Internacional de Parcerias Científicas e conectando uma ampla gama de partes interessadas no Brasil e no Reino Unido para tornar as colaborações de pesquisa mais fortes e com maior impacto, de acordo com o contexto local”, explica Diana Daste, Diretora de Engajamento Cultural do British Council no Brasil.

²⁰ [Brasil publicou quase 157 mil artigos em 2023](#), CAPES, 2024.

²¹ [Cooperação em ciência, tecnologia e inovação](#). Consulado Geral do Brasil em Miami, site MRE, 2024.



Pesquisa robusta e vínculos institucionais

Criado em 2014, o Fundo Newton tinha o objetivo central de estabelecer parcerias de pesquisa e inovação para atender às prioridades científicas e de desenvolvimento dos países parceiros, além de promover seu crescimento econômico e bem-estar social. O fundo tinha inicialmente um orçamento de £375 milhões no Brasil (£75 milhões por ano, ao longo de cinco anos), que aumentou para um valor total de £735 milhões até 2021.

Durante as iniciativas do Fundo Newton, foi dada uma ênfase especial ao desenvolvimento de pessoas e à pesquisa de tradução. De acordo com Diana Daste, Diretora de Engajamento Cultural do British Council no Brasil, o programa Researcher Links foi de grande importância para o desenvolvimento de capacidades e recursos de pesquisa, uma das prioridades do Brasil. Programas como Bolsas de Estudos de Mestrado para Grupos Sub-Representados na

Ciência e o Researcher Connect possibilitaram o desenvolvimento de parcerias para atrair grupos historicamente excluídos (por exemplo, mulheres) e fortalecer a escrita acadêmica em inglês. “Nossa experiência com as bolsas de estudo Newton, e como parte de nossa oferta global mais ampla, também nos permitiu trazer as bolsas de estudo Mulheres em STEM para o Brasil, uma chamada atualmente em sua terceira edição, e ampliar essa oportunidade com agências de financiamento e outras partes interessadas importantes”, afirma Daste. Outro resultado importante do trabalho facilitado pelo British Council inclui a consolidação de grupos de pesquisa sobre o Zika vírus e clínicas relacionadas à violência em tempos de democracia. Esses esforços contribuíram para que o Reino Unido se tornasse o segundo maior parceiro do Brasil em publicações científicas, superado apenas pelos Estados Unidos²².

RESEARCHER LINKS

Financiamento para workshops binacionais e mobilidade de pesquisadores em início de carreira entre os países parceiros e o Reino Unido.

2019-2020

Editais com CONFAP/FAPESP

13 propostas selecionadas para oficinas científicas sobre sustentabilidade e inclusão social

INSTITUTIONAL LINKS

Financiamento para o desenvolvimento de pesquisa e inovação entre instituições do Reino Unido e países parceiros para promover a ligação de projetos com o setor de negócios e a transferência de tecnologia.

2018-2019

O **Editais Zika** viabilizou 4 projetos relacionados a arbovírus (Zika, Dengue, Chikungunya)

O **Editais de Inovação Social** viabilizou 5 projetos relacionados à sustentabilidade e ao bem-estar social

O **Editais com FGV e Fiocruz** viabilizou 3 projetos relacionados a Políticas de Impacto e Baseadas em Evidências



Narrativas sobre uma epidemia

Um projeto de pesquisa colaborativa sobre o Zika vírus foi realizado entre a Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, no Rio de Janeiro (ENSP/**Fiocruz**), e a **Universidade de Oxford**. A pesquisa buscou mapear os discursos científicos e políticos sobre as incertezas que emergiram da Síndrome Congênita do Zika (SCZ) durante a epidemia de 2015-2016. Mulheres grávidas infectadas pelo Zika correm o risco de dar à luz bebês com a SCZ, que está ligada à microcefalia e a outras condições congênitas. Com o apoio do programa **Institutional Links** do British Council, a pesquisa teve como objetivo explorar a complexa interação entre ciência e política, e lançar luz sobre as narrativas que surgiram durante a epidemia de zika. A pesquisa identificou três áreas sensíveis em relação ao tratamento da epidemia: (1) diagnóstico, ou seja, a comunicação de informações sobre a doença; (2) saúde geral, ou seja, a compreensão das narrativas referentes à doença no contexto local e global; (3) gênero, ou seja, a responsabilidade foi frequentemente atribuída ao grupo mais afetado pela doença: as mulheres.

Biodiversidade costeira e políticas públicas

Nos arredores do porto de Santos, o maior da América do Sul, um projeto integrou pesquisadores, partes interessadas no âmbito de políticas públicas e comunidades locais para preservar a biodiversidade costeira. Seu objetivo era desenvolver um programa de política pública inovador e socialmente relevante nos municípios de Santos e Guarujá, localizados no estado de São Paulo. A colaboração durou 36 meses e foi liderada pelo Dr. Ronaldo Christofolletti, da **Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)**, e pelo Professor Stuart Jenkins, da Escola de Ciências Oceânicas da **Universidade de Bangor, no norte do País de Gales**. Os resultados do trabalho conjunto incluem o desenvolvimento do Maré de Ciência, um programa de ciência cidadã para monitorar a biodiversidade costeira com base na experiência da equipe britânica no desenvolvimento do aprendizado da ciência cidadã adaptado à realidade local de seus colegas brasileiros. Um resultado significativo desse trabalho foi o reconhecimento pela UNESCO à cidade de Santos como a primeira do mundo a promulgar uma lei que promove a inclusão da cultura oceânica no currículo escolar. Além disso, a equipe da Rede de Escolas Azuis do Brasil incentiva os alunos a desenvolver projetos de sustentabilidade do oceano, envolvendo 41 escolas, 8.600 alunos e 250 professores. Por fim, tanto a interface entre ciência e políticas públicas quanto a metodologia para criar políticas públicas participativas foram incorporadas ao Plano Nacional do Brasil para a Década da Ciência dos Oceanos para o Desenvolvimento Sustentável (2021-2030).



Oportunidades atuais que promovem a colaboração científica

O Fundo Internacional de Parcerias Científicas (ISPF)²³ foi criado para potencializar e promover a prosperidade. Ele coloca a pesquisa e a inovação no centro de nossas relações internacionais, apoiando pesquisadores e inovadores do Reino Unido a trabalhar com colegas do mundo todo nos principais temas da atualidade: planeta, saúde, tecnologia e talento. O fundo de £337 milhões é gerenciado pelo Departamento de Ciência, Inovação e Tecnologia (DSIT) do Reino Unido e implementado por um consórcio dos principais órgãos de pesquisa e inovação do Reino Unido, que inclui o UK Research and Innovation (UKRI), que abarca os sete conselhos de pesquisa, Innovate UK e Research England), as Academias do Reino Unido, o British Council, o Met Office, o National Physical Laboratory, a Autoridade de Energia Atômica do Reino Unido e a Universities UK International.

Como parte do ISPF o British Council oferece:

- financiamento inicial de pequena escala para colaborações entre o Reino Unido e os países/territórios participantes do ISPF
- oportunidades de fortalecimento de capacidades com base nas necessidades do país ou território parceiro
- Bolsas para Pesquisadores em Início de Carreira para desenvolver talentos e impulsionar a inclusão em Pesquisa e Inovação.

Todos os nossos programas se concentram nos temas centrais do ISPF: Planeta Resiliente, Pessoas, Plantas e Animais Saudáveis; Tecnologia Transformadora e Talento do Amanhã.

No Brasil, o British Council realiza o ISPF em apoio à iniciativa Amazônia+10, uma aliança de 25 agências estaduais de amparo à pesquisa no Brasil, que usa ciência, tecnologia e inovação para fazer a transição para um novo modelo de desenvolvimento sustentável para a Amazônia brasileira.

Como parte desse plano, o British Council financia as seguintes iniciativas²⁴:

Bolsas para pesquisadores em início de carreira – financiamento para que as instituições do Reino Unido recebam pesquisadores em início de carreira dos países/territórios participantes e, ao mesmo tempo, forneçam uma base para o lançamento de suas carreiras, criando benefícios duradouros para os bolsistas, suas universidades de origem e o Reino Unido.

Subsídios para workshops de pesquisa Brasil-Reino Unido – recurso para pesquisadores no Reino Unido e no Brasil para coorganizar workshops temáticos, com foco na região amazônica, para pesquisadores em início de carreira de ambos os países.

23 <https://www.gov.uk/government/publications/international-science-partnerships-fund-ispf>

24 <https://www.britishcouncil.org.br/atividades/educacao/ispf>

Entrevista

Links prolíficos, colaboração de alta qualidade

Odir Dellagostin é presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) desde 2017 e, desde 2020, na Presidência do Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (**CONFAP**). É também professor da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) e pesquisador, com doutorado em Biologia Molecular pela Universidade de Surrey, na Inglaterra. As parcerias entre o CONFAP e o British Council vêm se fortalecendo desde 2014, quando foi assinado o primeiro Memorando de Entendimento (MoU).

Você consegue se lembrar das contribuições mais relevantes das parcerias entre o Reino Unido e as Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (FAPs)?

Foram muitas, mas principalmente as financiadas pelo Fundo Newton e as FAPs, que são muito importantes. Na epidemia do Zika vírus, houve um esforço conjunto de muitas FAPs em parceria com cientistas do Reino Unido para avançar rapidamente nos resultados daquela emergência. Foi essencial entender a dinâmica do vírus, as formas de prevenção, as estratégias para evitar sua disseminação e informar a população. A iniciativa Amazônia+10, apoiada pelo British Council em parceria com o CONFAP, financia expedições científicas e workshops científicos para apoiar novas pesquisas, projetos e colaborações entre pesquisadores brasileiros e britânicos.



Odir Dellagostin

Que eventos você considera que contribuem para o cenário global de internacionalização e intercâmbio de conhecimento?

Tive a oportunidade de participar da conferência Going Global, organizada pelo British Council, no ano passado, em Edimburgo. Foi uma experiência fantástica, líderes de diferentes países nos ajudaram a refletir sobre os desafios atuais e futuros da internacionalização do ensino superior e a aprender com experiências passadas. Também entreguei um prêmio no Study UK Alumni Awards 2024. Além disso, outros membros do CONFAP fizeram parte dos painéis de avaliação. É muito nobre premiar pessoas que desenvolveram habilidades acadêmicas e de pesquisa no Reino Unido e retornaram ao Brasil para dedicar suas carreiras em benefício de seu país de origem.

Após mais de uma década de colaboração entre o British Council e o CONFAP, houve algo na forma de apoiar a pesquisa e a internacionalização que inspirou as ações das FAPs?

Com base nas primeiras experiências com o Fundo Newton, as FAPs conseguiram expandir e criar novos instrumentos de cooperação internacional com a comunidade europeia. Como um pesquisador brasileiro não é elegível para receber recursos da União Europeia, o modelo de cofinanciamento foi aprimorado e nos permitiu estimular parcerias internacionais. Mais recentemente, o programa Mulheres em STEM foi uma inspiração, pois nos fez refletir e várias FAPs desenvolveram seus programas de igualdade de gênero. A FAPAM e a FAPERJ, por exemplo, têm seus próprios editais específicos para mulheres e grupos sub-representados. Esses relatos demonstram que a liderança do British Council é importante porque programas semelhantes foram criados e implementados localmente.





Seção 3

Igualdade de gênero no ensino superior



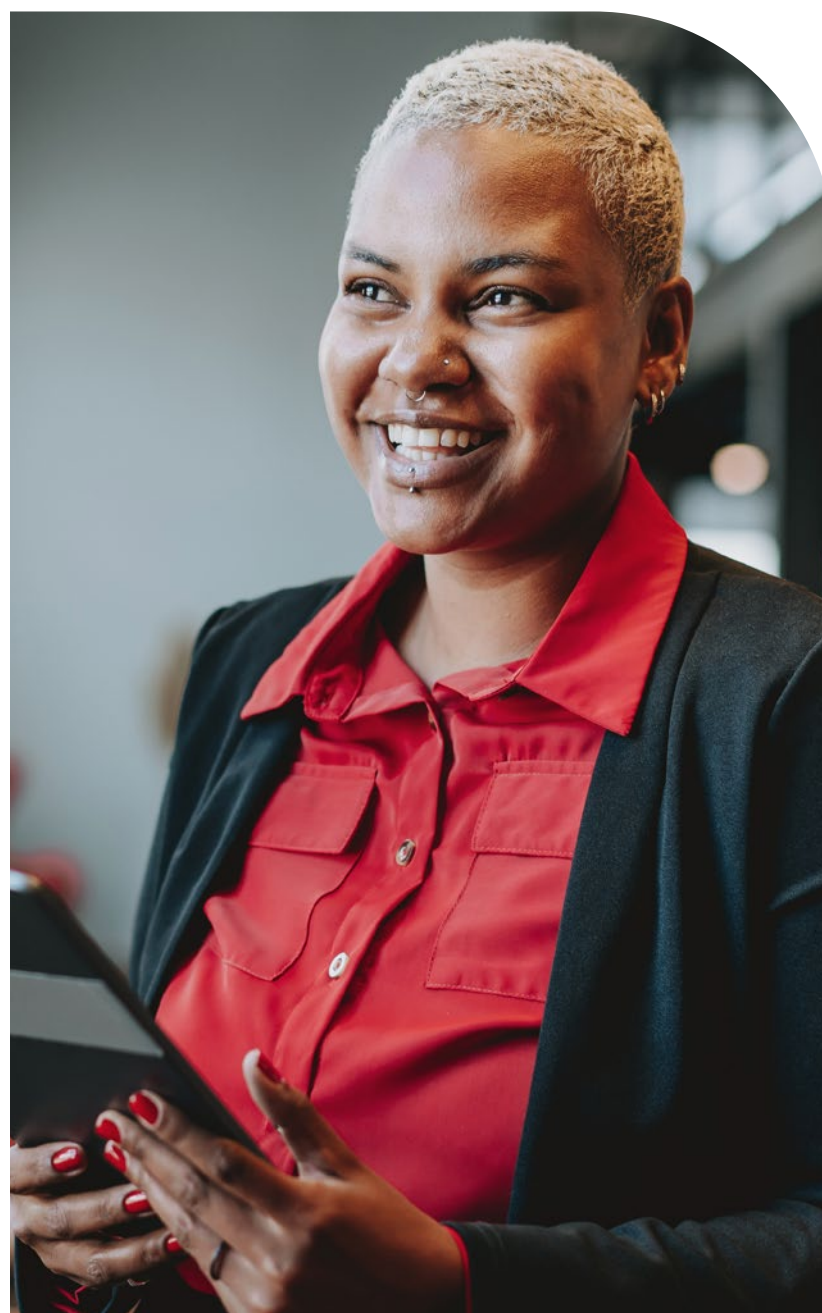
Uma jornada para a igualdade de gênero

A igualdade de gênero e a diversidade aprimoram a qualidade das parcerias de ensino superior e, de maneira geral, a internacionalização do ensino superior, a educação transnacional (TNE) e a colaboração em pesquisa. Gênero, diversidade e inclusão são elementos transversais em termos de valores e práticas operacionais, mas também funcionam como uma estratégia-chave para promover e fortalecer relacionamentos entre instituições com objetivos semelhantes. Refletindo essa base fundamental, o primeiro dos 10 princípios orientadores do **Marco Referencial para a Igualdade de Gênero em Instituições de Ensino Superior no Brasil** reconhece que **“a academia não pode atingir seu pleno potencial a menos que possa se beneficiar dos talentos de todas as pessoas”**. Isso também significa que a qualidade da ciência, pesquisa e conhecimento produzidos com perspectivas diversas é muito melhor do que produções unilaterais.

O Marco Referencial resulta de uma série de parcerias e diálogos entre as Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil e no Reino Unido, inspirado pelo **Athena Swan Charter**, que é utilizado globalmente para apoiar e transformar a igualdade de gênero no ensino superior (ES) e na pesquisa²⁵. O principal objetivo dos diferentes diálogos, workshops e missões foi criar e avançar na criação de uma ferramenta para que as IES pudessem mapear, medir e monitorar o progresso de seus compromissos institucionais e avanços específicos no apoio à progressão da carreira das mulheres nas áreas de STEM. O resultado desse processo é o primeiro Marco Referencial para a Igualdade de Gênero no Brasil.

A ferramenta considera processos e prioridades característicos do contexto brasileiro, além de definir identidades para as quais é necessário ter um panorama sob a ótica da interseccionalidade, com maior ênfase em raça, etnia, renda e idade.

O Marco Referencial foi desenvolvido como uma das atividades do British Council dentro do **programa Mulheres na Ciência**, que aborda as barreiras e oportunidades para as mulheres na ciência por meio dos pilares de inspiração, desempenho e influência.



25 [The Athena Swan Charter](#), Advance HE.

O **PROGRAMA MULHERES NA CIÊNCIA** teve início no Brasil em 2018 e tem como objetivo aumentar a presença de mulheres e meninas nas carreiras STEM, apoiar pesquisadoras por meio de capacitação e treinamento, ampliar a rede de pesquisadores em colaboração com o Reino Unido e desenvolver políticas nacionais no Brasil para promover o acesso e a diversidade na ciência.



Mais de 100 instituições envolvidas

durante todo o programa



15 projetos de parceria UK-BR



50 IES envolvidas

35 brasileiras e 15 britânicas



Mais de 60 projetos desenvolvidos

em diferentes iniciativas



O primeiro Marco Referencial para a Igualdade de Gênero



Mais de 11.630 meninas impactadas

em todo o Brasil



Reconhecimento de instituições por meio do

Prêmio Mulheres e Ciência



Mais de 1.000 mulheres capacitadas

em liderança, ciência e inovação



Grupo de Trabalho Interinstitucional para Gênero e Diversidade na Educação Superior e Ciência



Parcerias para a igualdade de gênero

Igualdade de gênero em foco

A estrutura utilizada em todo o mundo para apoiar e transformar a igualdade de gênero no ensino superior e na pesquisa – o framework **Athena Swan Charter** – foi criada em 2005 no Reino Unido para incentivar e reconhecer o compromisso com o avanço das carreiras das mulheres nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia, matemática e medicina (STEMM)²⁶. Há um prêmio global vinculado ao Athena Swan e, atualmente, há 993 detentores do prêmio no Reino Unido (incluindo universidades, departamentos e institutos de pesquisa), todos reconhecidos por seus esforços em prol da igualdade de gênero.

O Athena Swan Charter é uma metodologia que:

- Ajuda as instituições a atingir seus objetivos de igualdade de gênero;
- Ajuda as instituições a cumprir os requisitos legais relacionados à igualdade de gênero, bem como às expectativas e exigências específicas de financiadores e conselhos de pesquisa;
- Utiliza uma autoavaliação estruturada para apoiar na identificação de áreas para ações afirmativas, bem como no reconhecimento e compartilhamento de boas práticas;
- Apoia a promoção de práticas de trabalho inclusivas que podem aumentar a retenção de acadêmicos, profissionais e equipes de apoio relevantes, demonstrando o compromisso da instituição com um ambiente de trabalho equitativo.

Fonte: Site Athena Swan

²⁶ [The Athena Swan Charter](#), Advance HE.



O Athena Swan Charter tem como objetivo estabelecer estruturas que sejam globalmente comparáveis, mas contextualizadas localmente. A primeira expansão fora do Reino Unido ocorreu em 2015, com o lançamento do Athena Swan na Irlanda. Desde então, a estrutura foi adaptada na Austrália, Estados Unidos e Canadá. Na Índia, o British Council trabalhou com o Departamento de Ciência e Tecnologia em um projeto piloto chamado GATI (Gender Advancement for Transforming Institutions).

No Brasil, finalizamos um projeto para criar um referencial inspirado no Athena Swan Charter, em parceria com a Advance HE, com a realização de uma série de workshops com as IES brasileiras. Também lançamos o edital **UK-Brazil Gender Equality Partnerships** para conectar as instituições dos dois países no desenho e operacionalização do Marco Referencial para a Igualdade de Gênero. O primeiro edital, em 2021, financiou

nove projetos de parceria e teve como foco o fortalecimento de capacidades e o entendimento das necessidades específicas do Brasil por meio de workshops UK-BR. O projeto culminou na criação do **Marco Referencial para a Igualdade de Gênero em Instituições de Ensino Superior no Brasil**, uma ferramenta para apoiar as IES brasileiras na promoção do tema.

O segundo edital, lançado em 2022, financiou seis projetos de parceria, ampliando os consórcios da primeira edição e incluindo novos. O objetivo foi apoiar as IES brasileiras por meio do Marco Referencial para a Igualdade de Gênero no Brasil, incluindo um processo de autoavaliação. No total, essa iniciativa envolveu 50 instituições de ensino superior, ciência e pesquisa do Reino Unido e do Brasil, colaborando para alcançar maior igualdade de gênero.

Editais de Parceria para Igualdade de Gênero UK-BR



15

projetos

9 em 2021 + 6 em 2022



50 IES

nos 2 editais

15 DO REINO UNIDO

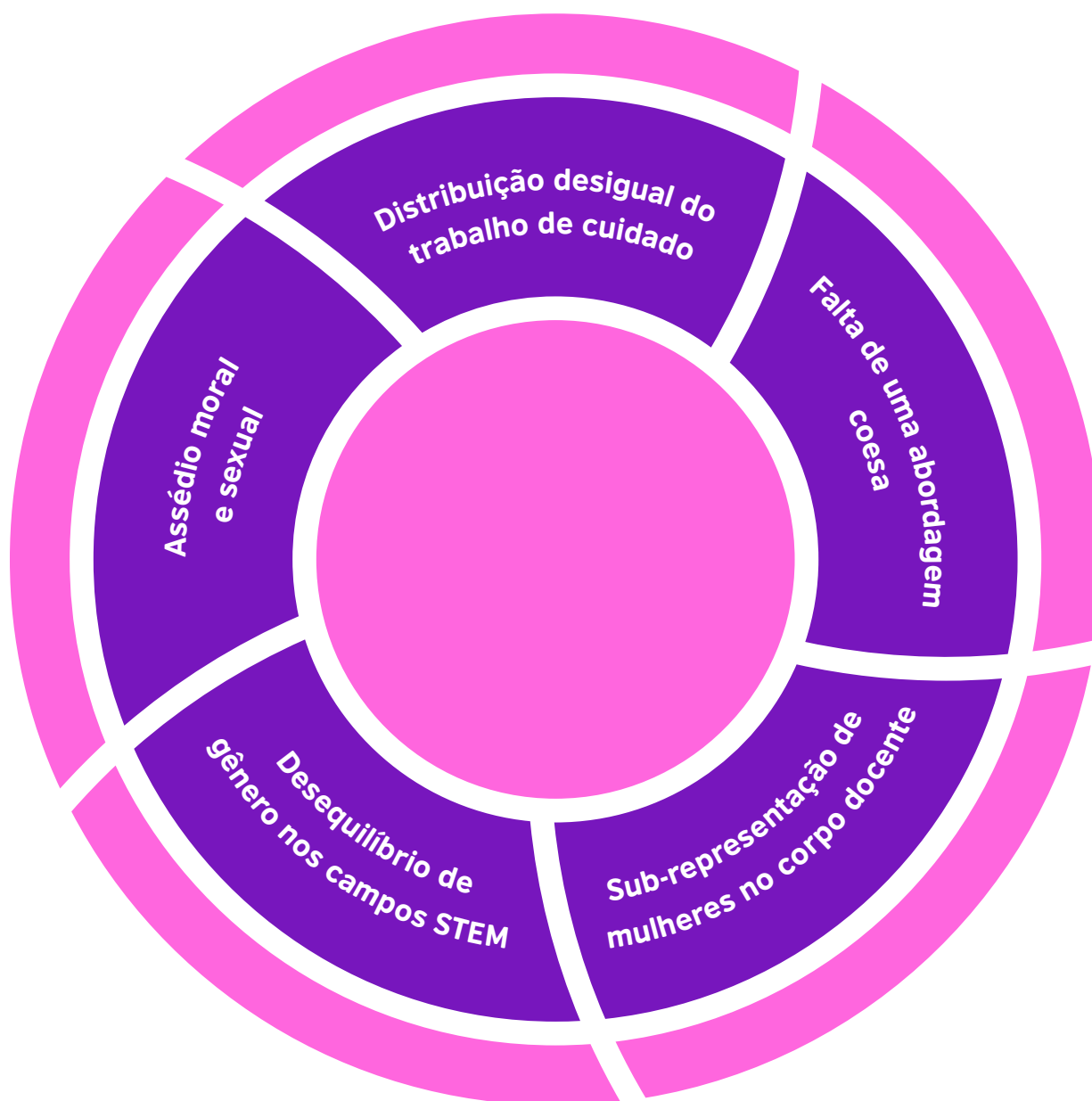
+ 35 DO BRASIL

Por que a igualdade de gênero é necessária?

O Marco Referencial para a Igualdade de Gênero em Instituições de Ensino Superior e suas estratégias de autoavaliação permitem a coleta e o monitoramento de informações sobre universidades e instituições de ensino superior, abrindo caminhos para avançar em nível político e individual.

Visão geral do cenário atual

Vários desafios afetam a progressão das mulheres em STEM e no ensino superior, tanto em nível individual quanto institucional. Isso acontece não apenas no Brasil, mas na maioria dos sistemas educacionais do mundo.



Fonte: Apresentação do Marco Referencial do Brasil, Advance HE e Cuidemos para o British Council, 2024.



Panorama das mulheres em STEM

Elas são:



Menos publicadas



Recebem menos



Têm menos chances de chegar a cargos de liderança do que os colegas homens



Menos propensas a participar da ciência



Embora os profissionais de STEM ganhem 2/3 a mais do que em outros campos, apenas 30% das mulheres escolhem carreiras relacionadas à ciência em nível de graduação (UNESCO).

Fonte: Apresentação Mulheres em STEM, British Council, 2023.

Desigualdade no meio acadêmico

Ser uma ‘mulher em STEM’ significa reconhecer as barreiras sociais impostas com base no gênero e reconhecer a luta desnecessária que elas criam... desafiar as normas e os preconceitos que continuam a determinar o futuro das pessoas, defender a igualdade e trabalhar em prol de uma sociedade em que o gênero não restrinja o potencial de ninguém em nenhum campo.



Gisela Pires Foz de Barros, de São Paulo, recebeu uma bolsa de estudos Mulheres em STEM para seu mestrado em Saúde Pública e Promoção da Saúde no Reino Unido (2021-2022)

Embora as mulheres tenham uma vantagem em relação aos homens em termos de acesso ao ensino superior, elas enfrentam barreiras em determinadas áreas do conhecimento, notadamente aquelas mais ligadas aos campos STEM e à esfera da produção. De acordo com o Censo da Educação Superior de 2022, as mulheres representam apenas 15,3% dos alunos que se formam na área de Computação e Tecnologia da Informação²⁷. Entre os alunos que ingressam no ensino superior, mais de 55% são mulheres e, de acordo com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), 54% dos matriculados em cursos *stricto sensu* em 2021 eram do sexo feminino. Elas correspondem a 58% dos beneficiários de bolsas de estudo. Esses números mudam, no entanto, quando olhamos para além da graduação e da pós-graduação.

Uma comparação feita pelo Laboratório de Estudos do Ensino Superior (LEES) da Unicamp mostra que, enquanto 51% dos títulos de doutorado entre 1996 e 2014 foram obtidos por mulheres, o número de mulheres que lecionam em universidades cresceu apenas 1%, de 44,5% para 45,5%.

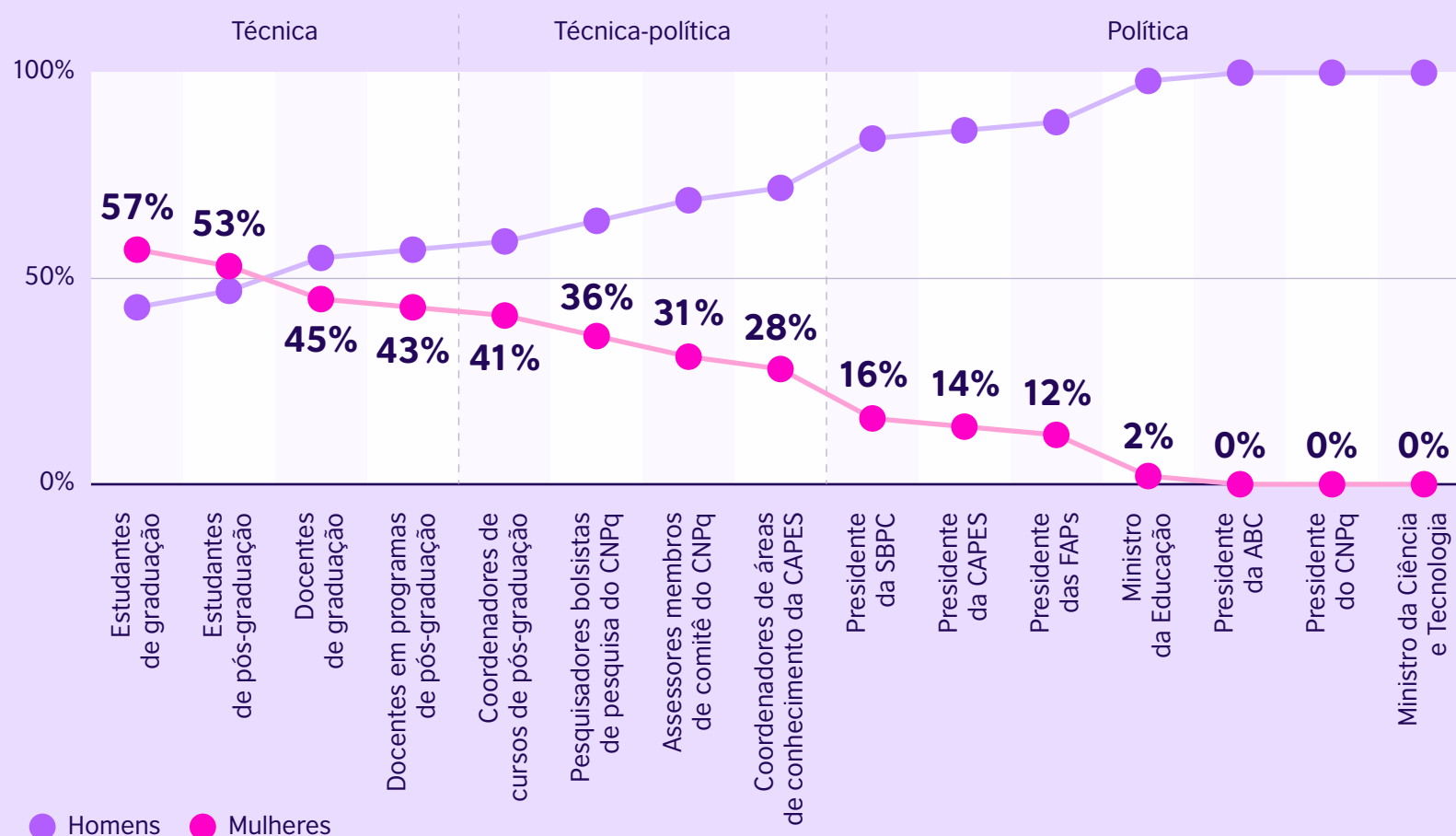
²⁷ Censo da Educação Superior 2022, Inep/MEC.

Esse fenômeno, em que o número de mulheres se torna escasso à medida que as pessoas avançam em suas carreiras, está sendo estudado e tem um nome: o efeito tesoura. Esse foi o tema central das discussões no seminário “Mulheres na Ciência e Tecnologia: Repensando Gênero e Ciência”, promovido em 2023 pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)²⁸.

O EFEITO TESOURA

O gráfico abaixo mostra um formato de tesoura, indicando que apenas o ensino superior não é suficiente para que as mulheres alcancem posições relevantes e significativas no campo da ciência. A tesoura revela que quanto maior a responsabilidade e a influência política do cargo, maior a diferença de gênero. Portanto, é mais provável que esses cargos sejam ocupados por acadêmicos ou pesquisadores homens – aqui apontados em lilás, no lado esquerdo da tesoura – e menos provável que sejam ocupados por profissionais mulheres com a mesma formação educacional.

Brasil: Sistema de Ciência e Tecnologia - Ocupação de Cargos por Sexo



Fonte: [Gênero e o Gráfico de Tesoura da Ciência Brasileira: Da igualdade à invisibilidade](#). Areas, R., et al, 2020.

Nota: tradução livre para fins desta publicação.

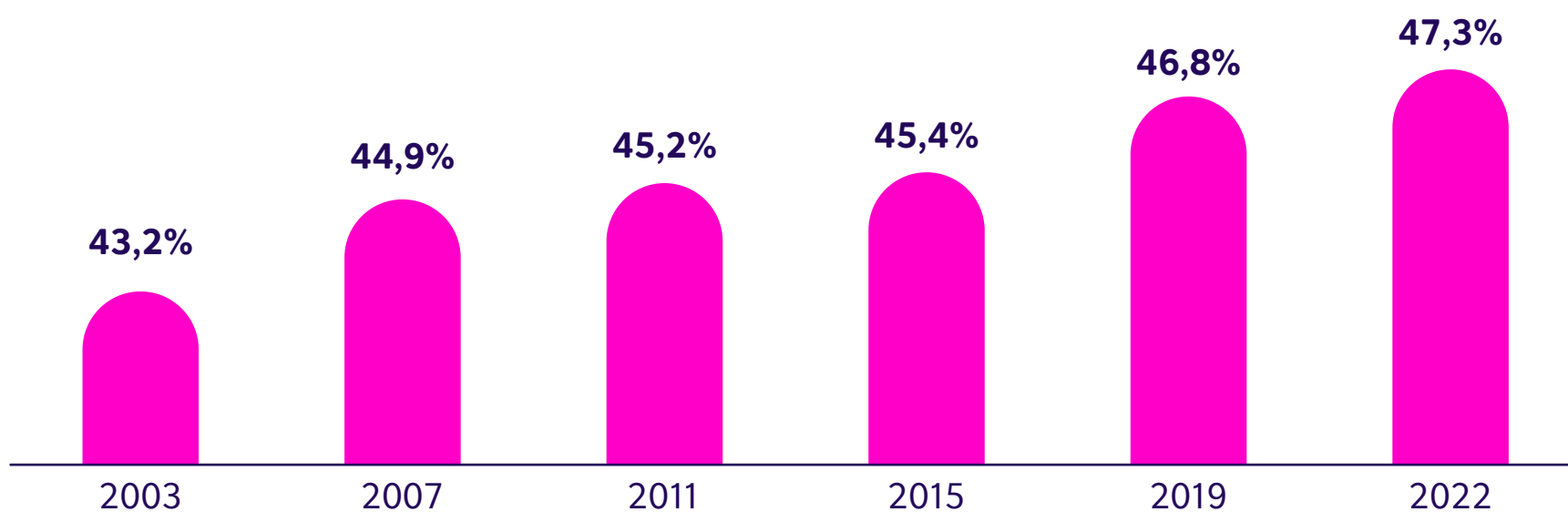
28 Artigo “Por que as mulheres são maioria na pós-graduação, mas ocupam menos da metade dos cargos de docência nas universidades?”, Jornal da Unesp, 2023.



Ao analisar especificamente a docência no ensino superior, os homens estão na frente. Nas últimas estatísticas, datadas de 2022, eles são 167.384 (52,98%) do total de 315.928 professores nesse estágio²⁹. Os números indicam que, no curto prazo, há necessidade de aprimoramento e desenvolvimento de políticas voltadas para a igualdade, diversidade e inclusão no setor de ensino superior.

Proporção de gênero para docentes de ensino superior (2003-2022)

O gráfico mostra a proporção de mulheres



Fonte: Apresentação do Marco Referencial do Brasil, Advance HE e Cuidemos para o British Council, 2024.

²⁹ Fonte: Censo da Educação Superior 2022, Inep/MEC.



A interseccionalidade marca o contexto brasileiro

As fronteiras de raça, gênero, classe e nacionalidade devem ser ultrapassadas, pois são inseparáveis. A interseccionalidade é um elemento central do Marco Referencial para a Igualdade de Gênero em Instituições de Ensino Superior no Brasil.

Interseccionalidade, conforme definida pelo marco referencial brasileiro, significa reconhecer que as identidades e posições sociais das pessoas são moldadas por vários fatores ao mesmo tempo, o que cria experiências e perspectivas únicas. Os elementos de identidade são dependentes uns dos outros e podem afetar de diferentes maneiras as experiências de discriminação vividas. Esses fatores incluem idade, deficiência, identidade de gênero e orientação sexual, raça/etnia, status de deficiência, religião e crença, fatores geográficos e ambientais e conflitos.

A interseccionalidade é uma forma de pensar e transformar as experiências de identidade atravessadas por opressões de gênero, raça e classe. A experiência em STEMM e no ensino superior pode variar muito para uma mulher negra em comparação com uma mulher branca. Esse é apenas um exemplo que indica como as instituições devem estar atentas à interseção da desigualdade de gênero com outros marcadores de discriminação ao explorar problemas e desenvolver soluções. Embora o Marco Referencial para a Igualdade de Gênero em Instituições de Ensino Superior oriente os leitores e as instituições a abordarem a mudança por meio da lente principal do gênero, outros fatores que moldam a identidade das pessoas e, portanto, sua experiência dentro das instituições, também devem ser levados em consideração.

Uma abordagem mais ampla, que inclui a igualdade, é a EDI (Igualdade, Diversidade e Inclusão). Esse conceito busca assegurar tratamento justo e igualdade de oportunidades para todas as pessoas. Seu objetivo é erradicar o preconceito e a discriminação. Diversidade significa reconhecer, valorizar e considerar as diferentes origens, conhecimentos, habilidades e experiências das pessoas. Inclusão é quando essas diferenças entre pessoas e grupos são vistas como um valor positivo e quando as pessoas se sentem à vontade para compartilhar suas perspectivas e diferenças, sabendo que suas vozes serão respeitadas e valorizadas³⁰.

30 [What is EDI and why does it matter?](#), University of Oxford, 2024.



As vantagens das práticas de EDI (Igualdade, Diversidade e Inclusão) no ensino superior e na pesquisa incluem:

- Aumento da satisfação dos funcionários e dos alunos com o ensino superior e a pesquisa
- Aumento do envolvimento, da resiliência, da confiança e das habilidades de liderança dos funcionários
- Melhoria da inteligência coletiva em nível institucional, criatividade e solução de problemas, qualidade do trabalho acadêmico e complexidade da pesquisa
- Excelência em pesquisa, qualidade da tomada de decisões e desempenho organizacional
- Um ambiente de trabalho atraente para candidatos a emprego e estudantes
- Reconhecimento público como uma instituição determinada a apoiar todos os membros de sua comunidade por meio dos resultados tangíveis do trabalho de EDI

O referencial para igualdade de gênero no Brasil

O Marco Referencial para a Igualdade de Gênero foi criado para apoiar as Instituições de Ensino Superior (IES) do Brasil a lidar com a sub-representação e as desigualdades enfrentadas por mulheres, de modo geral, e mulheres negras, nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia, matemática e medicina (STEMM). O material desenvolvido como ferramenta para orientações estruturais auxilia as IES a iniciarem um processo de autoavaliação e reflexão, permitindo-lhes: coletar e analisar dados; identificar desigualdades, desafios e oportunidades em torno da progressão das mulheres em STEMM em sua organização; desenvolver planos de ação direcionados em resposta aos resultados da autoavaliação; e implementar as ações de forma bem-sucedida e adequada.

No trabalho com os parceiros do Reino Unido, mais do que as ferramentas e a capacitação das instituições do Brasil para avançar na agenda de igualdade de gênero, o primeiro passo para aprimorar as estratégias de internacionalização inclusiva é que elas sejam originadas e focadas na estratégia institucional.

Diana Daste, Diretora de Engajamento Cultural do British Council no Brasil

O principal objetivo do material desenvolvido por meio dos editais de parceria é apoiar as organizações no Brasil em sua jornada para a promoção da igualdade de gênero e raça, fornecendo princípios aos quais todas as instituições podem aderir; uma estrutura para apoiar a coleta de dados comparáveis; e diretrizes para o desenvolvimento de um plano de ação participativo de gênero. A estrutura deve ser vista como um referencial que apoia a jornada da instituição para a elaboração de uma estratégia de igualdade de gênero que funcione em seu contexto. Todas as instituições são incentivadas a se envolver de forma crítica com o marco referencial, priorizando as questões que são importantes em sua comunidade acadêmica e desenvolvendo ferramentas que ajudem a comunidade a atingir suas metas de igualdade de gênero. O material inclui um diagnóstico individualizado que abrange múltiplos fatores de discriminação em muitas áreas de atividade acadêmica.

Princípios do Marco Referencial para a Igualdade de Gênero no Brasil

- 1** A academia não conseguirá atingir todo o seu potencial a menos que possa se beneficiar dos talentos de todos e todas.
- 2** Compromisso de promover a igualdade de gênero e raça na academia.
- 3** Compromisso de abordar a representação desigual de gênero e raça em todas as áreas acadêmicas.
- 4** Compromisso de combater as desigualdades salariais de gênero e raça.
- 5** Compromisso de combater a intimidação e o assédio, incluindo o assédio moral e o sexual e a violência de gênero.
- 6** Compromisso de remover os obstáculos enfrentados pelas mulheres em momentos importantes de desenvolvimento e progressão de suas carreiras.
- 7** Compromisso de enfrentar as consequências negativas da adoção de contratos informais ou de curto prazo para a retenção e a progressão na academia, particularmente para as mulheres.
- 8** Compromisso de combater o tratamento discriminatório muitas vezes vivenciado por pessoas trans, não binárias e de gênero fluido.
- 9** Reconhecimento de que o avanço da igualdade exige compromisso e ação de todos os níveis da organização e, em particular, a liderança ativa das pessoas em cargos seniores.
- 10** Compromisso de realizar e facilitar mudanças estruturais e culturais sustentáveis para promover a igualdade.

Seções do Marco Referencial para a Igualdade de Gênero no Brasil

- Seção 1: Uma introdução ao trabalho de igualdade de gênero da instituição
- Seção 2: Avaliação do contexto de igualdade de gênero da instituição e, quando relevante, de seu contexto mais amplo de igualdade
- Seção 3: Plano de ação futuro

Mudanças a caminho: confiança individual e capacidade institucional

Foram analisados os principais aspectos para incorporar a diversidade de gênero nas IES britânicas e brasileiras. Além disso, analisou-se como esta perspectiva pode contribuir para promover a internacionalização das parcerias e dos resultados de pesquisa entre as instituições. Um exercício de avaliação, baseado em pesquisas respondidas por participantes de IES britânicas e brasileiras, concluiu que “o objetivo de mudar o cenário institucional parece ter sido alcançado, embora continue, é claro, sendo um trabalho em andamento”.

A avaliação confirmou que não só os representantes das IES perceberam os participantes ganhando confiança e conhecimento, mas também que eles próprios se sentiram muito mais competentes para implementar processos e procedimentos que ajudarão as mulheres a se tornarem mais proeminentes nas ciências em geral e em STEM em particular. Uma das conclusões mais importantes foi a percepção de que essa iniciativa aumentou significativamente as habilidades e a disposição das mulheres para escolher o campo STEM.

Um resultado de curto prazo foi definido para essa iniciativa: **Desenvolvimento de capacidades institucionais e documentação dos aprendizados.** Esse resultado foi verificado por um conjunto de 10 itens e, para 9 deles, 100% das pessoas entrevistadas consideraram seu conhecimento e compreensão muito bons.

Fonte: Relatório de avaliação do projeto Mulheres na Ciência, British Council, 2023.

Mudanças tangíveis ocorrem quando há uma colaboração eficaz entre as instituições, com foco em políticas e procedimentos inclusivos que ajudam a influenciar a cultura institucional de forma positiva e a apoiar os indivíduos a alcançar e progredir.



Um exemplo de mudança concreta foi a revisão, a partir de uma perspectiva de gênero, da legislação que regula os processos de contratação de professores, com mudanças nas regras aplicadas a toda a universidade para incluir ações voltadas para candidatas com filhos (por exemplo, a adoção de fatores de correção para a pontuação de currículos)³¹.

Depoimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, que fez parceria com a Oxford Brookes University para esse programa.

Após os workshops de 2022, as instituições também identificaram os principais fatores de sucesso, desafios e riscos nas parcerias entre o Reino Unido e o Brasil para lidar com a igualdade de gênero³²:

- **Envolvimento das principais partes interessadas:** elas perceberam uma necessidade fundamental de apoio da alta gestão para esse trabalho, para que haja a oportunidade de crescer e ser compartilhado mais amplamente.
- **Reconhecimento e recompensa adequados:** o reconhecimento externo, por exemplo, em nível nacional, ampliaria seu alcance e impacto. Os recursos são considerados necessários, e a participação deve ser apoiada tanto pelo Brasil quanto pelo Reino Unido e contemplada no financiamento do subsídio.
- **Compromisso de tempo e envolvimento geral:** uma mudança sistemática exige tempo e dedicação significativa. Além disso, há a necessidade de priorizar o envolvimento de homens e outros gêneros, uma vez que não se trata apenas de uma questão feminina, mas que afeta toda a sociedade.
- **Diferenças contextuais sociais e culturais:** é preciso reconhecer que as abordagens padrão no Reino Unido não são necessariamente as mesmas no Brasil (por exemplo, mentoria) e, portanto, são necessários mais tempo e apoio para implementar práticas de igualdade, diversidade e inclusão.

31 Relatório de Avaliação do Programa Mulheres na Ciência, British Council, 2023.

32 Relatório de Avaliação do Programa Mulheres na Ciência, British Council, 2023 e Relatório Final UK-Brazil Gender Equality Partnerships Call 2022, British Council, 2024.



O relatório também buscou entender as conclusões e aprendizados das instituições com seu envolvimento. Os benefícios reconhecidos incluíram:

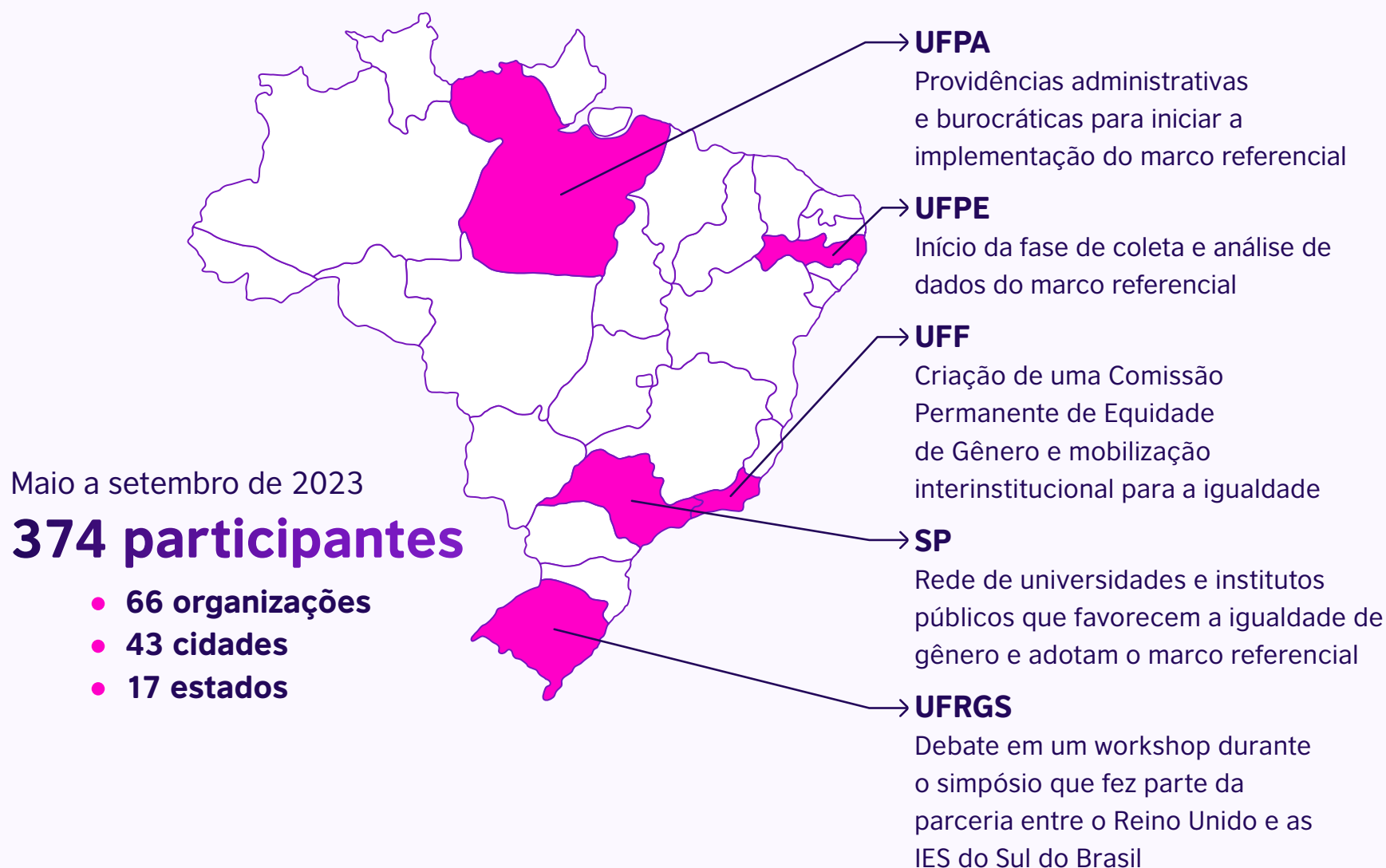
- Maiores oportunidades para estudantes estudarem no exterior
- Maior conhecimento e experiência em torno de gênero em STEM, levando a convites para falar em eventos
- Mais redes apresentando propostas de financiamento conjunto e projetos de pesquisa
- Apresentação do trabalho realizado no projeto em conferências
- Algumas conexões com programas de ensino e liderança, usando experiências globais como exemplos

Quais são os efeitos sistêmicos mais importantes do edital UK-Brazil Gender Equality Partnerships?

“Para as instituições do Reino Unido, acho que o efeito sistêmico mais importante é, sem dúvida, o fato de que o elemento colaborativo do projeto fez com que elas tivessem que considerar como estruturar e conduzir seu trabalho de igualdade de gênero, levando em conta a acessibilidade, a inclusão e o impacto na comunidade mais ampla. Para as instituições brasileiras, espero que seja o desenvolvimento de uma identificação de desafios e oportunidades baseada em evidências e orientada por dados que leve a uma ação direcionada a produzir mudanças.”

Sarah Dickinson-Hyams, Diretora Assistente de International Equality Charters na Advance HE na ocasião, uma instituição beneficente que trabalha com parceiros em todo o mundo para melhorar o ensino superior para funcionários, estudantes e a sociedade.

Série de 10 workshops para disseminar o Marco Referencial para Igualdade de Gênero em IES no Brasil ³³



Durante o mesmo período em que foram realizados os workshops do Marco Referencial para a Igualdade de Gênero no Brasil, o British Council produziu uma série de cinco publicações ligadas ao programa Garotas em STEM³⁴, todas lançadas em abril de 2024. A série inclui dicas para educadores, um guia rápido para práticas inclusivas, um panorama sobre o desequilíbrio de gênero no setor educacional e dois volumes de histórias inspiradoras que apresentam os 42 projetos selecionados nas edições de 2021 e 2022 do programa. O guia rápido e o panorama do desequilíbrio de gênero têm versões bilíngues, enquanto os outros três são publicados exclusivamente em português.

³³ British Council, 2023.

³⁴ [Garotas em STEM: Formando Futuras Cientistas](#), British Council

Próximas etapas da agenda de igualdade de gênero

Conforme declarado no relatório de avaliação final do edital de 2022³⁵, o **desenvolvimento de métricas de avaliação e uma estrutura de premiação** para o Marco Referencial para a Igualdade de Gênero no Brasil, alinhada às métricas e prêmios para outras iterações globais do Athena Swan Charter, proporcionaria maior visibilidade para as instituições dedicadas a analisar seus próprios conceitos e práticas. Também pode ser uma oportunidade de recompensar e reconhecer o trabalho para melhorar igualdade de gênero em STEM e incentivar as instituições a dar apoio ao trabalho.

Outro ponto para o futuro seria a criação de **uma rede global de igualdade**, reunindo participantes de projetos de todo o mundo sobre o tema e oferecendo um espaço para que pessoas e instituições continuem a trabalhar em rede, apoiando umas às outras e compartilhando conhecimentos e experiências.

Entre as IES membros do Athena Swan Charter **93% acreditam que a adoção dos princípios da iniciativa teve um impacto positivo nas políticas de igualdade de gênero em suas universidades**

Fonte: [Loughborough study on impact evaluation of Athena Swan](#), Advance HE, 2019.

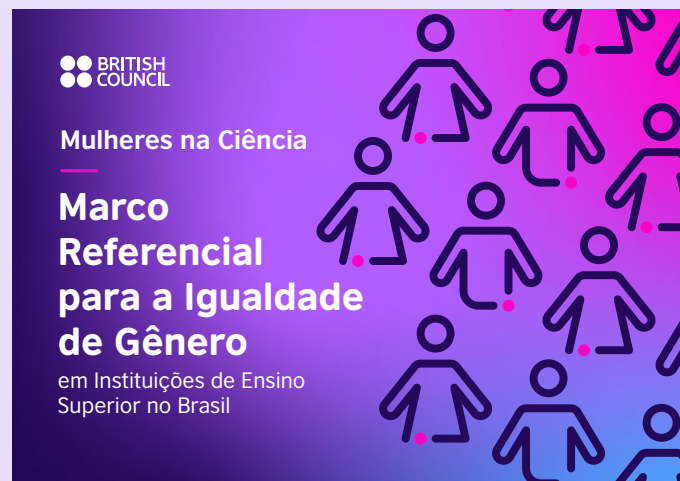


35 Relatório final UK-Brazil Gender Equality Partnership Call 2022, British Council.

Por que o Marco para a Igualdade de Gênero deveria ser adotado pelas IES brasileiras?

Como uma ferramenta de monitoramento e implementação, o marco referencial tem o potencial de funcionar como:

- Uma estrutura para organizar, dar mais relevância e unidade às iniciativas de gênero e diversidade no ecossistema de educação e ciência
- Um catalisador para a mudança institucional
- Uma plataforma para interação entre IES com agências e instituições de financiamento, nacionais e internacionais
- Um relatório que permite transparência e alinhamento à coleta de dados nas IES
- Um argumento para promover uma série de incentivos voltados à transformação sistêmica



O Marco Referencial para a Igualdade de Gênero do Brasil serve como um recurso importante para aqueles com vontade e comprometimento em promover a igualdade de gênero na ciência, mas seus efeitos reais dependerão da implementação e adoção da ferramenta por instituições brasileiras.

Cuidemos Consultoria e Treinamento, uma das partes interessadas do edital UK-Brazil Gender Equality Partnerships.



Seção 4

Missão UK-BR



A missão UK-BR em outubro de 2024

Uma missão acadêmica e intergovernamental organizada pelo British Council foi realizada entre 7 e 11 de outubro de 2024, com o objetivo de fortalecer os laços entre o Reino Unido e o Brasil, promover conversas abertas e alinhar prioridades em ensino superior, internacionalização e pesquisa. Foi a primeira missão de ensino superior desse tipo no Brasil, com uma abordagem intergovernamental e representação de alto nível na delegação de universidades, após a priorização do país na Estratégia de Educação Internacional do Reino Unido. A visita aconteceu em um momento significativo: em 2024, o Brasil revisou seu Plano Nacional de Educação, que cobrirá sua estratégia para uma década, ao mesmo tempo em que desenvolveu um Plano de Pós-Graduação até 2028 que inclui a internacionalização.

O grupo da missão foi composto por representantes do Departamento para Educação do Reino Unido (DfE), do Departamento de Negócios e Comércio (DBT), da Rede de Ciência e Inovação (SIN) e de seis universidades britânicas (Universidade de Leeds, Universidade de Glasgow, Universidade de Dundee, King's College London, Queen Mary

Representantes de seis universidades do Reino Unido e do governo britânico visitaram São Paulo e Brasília para aprender sobre oportunidades de internacionalização, parcerias de pesquisa e igualdade no ensino superior.

University of London, Universidade de Bath), liderados pelo Professor Sir Steve Smith, o Representante Especial do Reino Unido para Educação Internacional.

A visita iniciou e desenvolveu conexões para educação internacional e aprofundou-se em potenciais colaborações em vários setores, incluindo biodiversidade, saúde, inteligência artificial, energia e sustentabilidade. Também promoveu igualdade, diversidade e inclusão (EDI) como elementos transversais. Acesse os principais eventos da semana no artigo [Fortalecendo as conexões educacionais entre o Reino Unido e o Brasil](#).



Alumni

Experiência, intercâmbio e colaboração para enfrentar os desafios globais

O programa [Alumni UK](#) é a rede global para pessoas de todo o mundo que estudaram no Reino Unido como estudantes estrangeiros. O British Council busca construir a maior comunidade global de ex-alunos do Reino Unido, conectando pessoas que estudaram em qualquer universidade britânica e explorando como Alumni UK pode apoiá-las na realização de seus objetivos.

Ao ingressar em Alumni UK, os participantes podem ampliar sua rede profissional internacional, continuar aprendendo, compartilhar experiências e conhecimentos com outras pessoas, além de se manterem conectados e atualizados com a cultura britânica e a língua inglesa.

O evento de ex-alunos durante a Missão UK-BR foi organizado pelos Embaixadores da rede Alumni UK no Brasil e abordou três desafios globais que exigem ação conjunta da sociedade, da academia, da indústria e da pesquisa: igualdade de gênero, inovação e mudança climática. Ao final das três palestras curtas, os participantes se reuniram em mesas-redondas para discutir como colaborações entre o Brasil e o Reino Unido poderiam abordar essas questões críticas.

Evento: UK-Brazil Connect: compartilhando conhecimento para desafios globais

Quando: 7 de outubro de 2024

Onde: Renaissance Hotel em São Paulo

Participantes: brasileiros ex-estudantes do Reino Unido; Professor Sir Steve Smith (Representante Especial do Reino Unido para Educação Internacional), líderes de seis universidades do Reino Unido (Universidade de Leeds, Universidade de Glasgow, Universidade de Dundee, King's College London, Queen Mary University of London e Universidade de Bath), representantes do governo do Reino Unido dos Departamentos de Educação, Negócios e Comércio, Rede de Ciência e Inovação; e o British Council.

O quê: os participantes refletiram sobre como sua experiência no Reino Unido e a futura colaboração Reino Unido-Brasil podem contribuir para enfrentar conjuntamente os desafios globais, incluindo ações climáticas e igualdade de gênero.



Alumni do Reino Unido na América Latina

O Programa Alumni UK promove oportunidades para fortalecer o desenvolvimento profissional

**80%**

relataram crescimento pessoal e profissional após sua experiência de estudo desenvolvimento pessoal e profissional após estudarem no Reino Unido

**39%**

sentiram falta de oportunidades após estudar no Reino Unido

**61%**

disseram que estudar no Reino Unido melhorou sua confiança profissional

**37%**

conseguiram construir uma rede global de contatos profissionais

**51%**

conseguiram se candidatar a empregos muito melhores

Fonte: Mapeamento de estudantes e alumni do Reino Unido na América Latina, British Council, 2023.

Igualdade de Gênero apresentada por Roberta Gregoli

“O que você pode fazer para mudar a realidade? Como você pode ajustar seu curso de ação para contribuir para a igualdade de gênero?” Com essas perguntas, Roberta Gregoli, Embaixadora da rede Alunni do Reino Unido para as Américas em 2024 e ex-aluna da Universidade de Oxford, encerrou sua apresentação sobre o tema, que ela descreveu como a questão mais desafiadora na área de direitos humanos hoje em dia. Ela também afirmou que, quando um grupo verdadeiramente diverso de pessoas toma decisões, os resultados podem ser muito diferentes.

Gregoli elogiou a iniciativa que criou o [Marco Referencial para a Igualdade de Gênero em Instituições de Ensino Superior no Brasil](#) e reforçou que promover a igualdade de gênero é bom para os negócios e para o

desenvolvimento. Ela exemplificou mostrando um [vídeo curto](#) que aponta como as mulheres ainda são minoria em altos cargos em diversas indústrias e no cenário político.

Roberta também observou que discussões ou subsídios, por si só, não vão fechar a lacuna de gênero. Ela sugere que o financiamento deve ser vinculado à promoção da igualdade, por exemplo, aceitando apenas solicitações de financiamento de instituições que tenham pelo menos uma acreditação bronze do Athena Swan Charter para Mulheres na Ciência (veja na página 45). Essa escolha também pode ser feita ao selecionar parceiros acadêmicos, considerando apenas aqueles comprometidos e reconhecidos por suas iniciativas de igualdade de gênero.

Inovação e mudança climática discutidas por João Arthur Reis e Petrina Santos

Apresentando um panorama do estado atual da Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil e as perspectivas de cooperação bilateral entre o Reino Unido e o Brasil, **João Arthur Reis** refletiu sobre a “década perdida” (2013 a 2022) no Brasil, em termos de financiamento científico, e expressou esperança de que a área se recupere gradualmente. “Estamos em um momento crucial para moldar os resultados da ciência e inovação brasileiras nas próximas décadas.”

Ex-aluno da Universidade de Oxford, com mestrado em Políticas Públicas pela Blavatnik School of Government, Reis atua atualmente como assessor da Presidência da FAPESP para a Iniciativa Amazônia+10. Nos últimos cinco anos, tem trabalhado com desenho e implementação de políticas públicas, com foco em políticas de inovação, desenvolvimento econômico e cooperação internacional. “Já existem grandes iniciativas em andamento que

precisam ser continuadas e ampliadas. Há uma grande oportunidade em programas que não apenas oferecem financiamento, mas também capacitação e desenvolvimento de habilidades para impacto.”

O especialista recomendou que mais programas envolvendo colaboração entre Reino Unido e Brasil sejam voltados para inovação e pesquisa orientadas por missões; formulação de políticas públicas; diplomacia científica; e comunicação científica.

Reis descreve a Iniciativa [Amazônia+10](#) como um modelo de pesquisa colaborativa de impacto, que tem o Reino Unido como principal parceiro internacional, por meio do UK Research and Innovation (UKRI) e do British Council. Com apoio do Fundo Internacional de Parcerias Científicas (ISPF), já mobilizou mais de £ 19,34 milhões. Como consultor na área, o ex-aluno considera que a crise climática precisa

de uma abordagem transversal e integrada e o Brasil tem exemplos de como trabalhar com comunidades afetadas.

Petrina Santos, Embaixadora da Rede Alumni UK Ação Climática e ex-estudante da London School of Economics and Political Science (LSE), tem experiência em sustentabilidade aplicada, governo, relações institucionais e responsabilidade social corporativa. Ela começou sua apresentação dizendo que a agenda Ambiental, Social e de Governança (ESG) não é nova — tem sido uma discussão desde que o Pacto Global da ONU ([UN Global Compact](#)) foi estabelecido na Cúpula de Líderes no Fórum Econômico Mundial em 2004. De uma perspectiva de sustentabilidade, o mundo tem uma pontuação baixa hoje em dia, com 8 milhões de pessoas vivendo com fome e governos falhando em cumprir as metas climáticas globais. As emissões totais de CO₂ da China, por exemplo, excederam as das economias avançadas combinadas em 2020 e foram 15% maiores em 2023³⁶.

Perante os desafios e ameaças, Petrina defende a colaboração intersetorial para abordar a sustentabilidade e salienta que este é um apelo à ação que deve ser adotado por todos os tipos de iniciativas, sejam elas nos negócios, na indústria, na academia ou no governo, incluindo:

- Avaliação de risco em relação a questões ESG
- Engajamento de pares/partes interessadas e governança ESG
- Processo de monitoramento de indicadores de sustentabilidade
- Alinhamento com as principais regulamentações, acordos e políticas de mercado

- Relatório anual divulgando desempenho ESG e de sustentabilidade integrado ao negócio
- Pegada de CO₂, plano de descarbonização e desenvolvimento de estratégia climática
- Implementação de finanças verdes
- Engajamento de funcionários e desenvolvimento de cultura de sustentabilidade
- Projetos de voluntariado e investimento social

Segundo Petrina, os principais pontos a serem enfrentados são a descarbonização e a gestão de riscos. As universidades são fundamentais para desenvolver habilidades como resiliência e abordagem política aos desafios; visão global e pensamento estratégico; e intraempreendedorismo, que é a mentalidade necessária para agir em direção à mudança. “Até o planeta é uma entidade com seus direitos, então ele deve ser visto como um *stakeholder* em cada decisão importante que tomamos.” A Embaixadora Alumni para Ação Climática também defende que ESG deve permear todas as áreas do currículo educacional e ser incentivado nos trabalhos finais de conclusão de cursos. Ressaltou ainda que há maneiras de estabelecer colaboração entre universidades e o setor privado. Por exemplo, a troca de informações teóricas e práticas entre estudantes e empresas para criar soluções para as mudanças climáticas.

36 [The changing landscape of global emissions](#), Relatório IEA, 2023.

Troca de ideias e recomendações para IES

Em mesas redondas, os alumni presentes no evento e demais participantes foram convidados a discutir problemas que envolviam um ou mais dos três principais temas apresentados – clima, gênero e ciência – e a apresentar possíveis soluções ou recomendações. As conversas em grupo abordaram os seguintes tópicos e levaram a estas conclusões:

Área	Problema	Descrição	Solução ou Recomendação
Gênero	Acesso limitado de certos grupos minoritários às IES	A presença de pessoas em situação de vulnerabilidade social e da comunidade queer é limitada nas universidades do Brasil e do Reino Unido.	Aumentar os investimentos na educação básica pública no Brasil, formando uma base sólida para prosseguir estudos no ensino superior. Promover a igualdade de gênero, com foco na comunidade queer e indivíduos transgênero, com iniciativas para incluí-los em ambientes universitários. Elaborar programas que deem oportunidades para estudantes carentes continuarem o ensino superior no Reino Unido.
Gênero	Falta de apoio a grupos minoritários e barreira linguística	As minorias precisam de apoio durante a vida escolar e acadêmica. Apenas 5% dos brasileiros relatam ter conhecimento da língua inglesa, de acordo com pesquisa do British Council.	Fornecer bolsas de estudo para grupos minorizados (mulheres, comunidades trans e queer) e estabelecer um programa de orientação acadêmica para orientar estudantes e focar no desenvolvimento de habilidades linguísticas.
Clima	Incentivos insuficientes para aumentar a conscientização sobre a agenda das mudanças climáticas	Mais pode ser feito para organizar atividades para que estudantes e professores abordem questões de mudanças climáticas e sustentabilidade.	As universidades do Reino Unido poderiam levar estudantes de várias áreas para a COP30 em Belém, no Brasil, para fazer uma cobertura de mídia (em novembro de 2025). As IES poderiam promover programas para criar start-ups que lidam com questões climáticas e vincular o intercâmbio de professores entre os dois países à agenda de sustentabilidade.

Área	Problema	Descrição	Solução ou Recomendação
Ciência (Mineração)	Acidentes com barragens em Minas Gerais	Em novembro de 2015, o Brasil viveu sua maior tragédia ambiental com o rompimento da barragem em Mariana. Em janeiro de 2019, uma barragem rompeu em Brumadinho, matando quase 300 pessoas e deixando impactos sociais e ambientais. ³⁷	A mineração causa grandes problemas ambientais em todo o mundo. O Reino Unido e o Brasil podem discutir soluções de engenharia e legislação para estabelecer um padrão global para procedimentos, metodologia, princípios e regulamentações na exploração de mineração.
Clima, Gênero e Ciência	Falta de pensamento inovador para resolver grandes problemas	Grandes problemas contemporâneos não podem ser resolvidos sem formas novas e inovadoras de pensar e de colaborar.	Incentivar a economia criativa a trabalhar em muitos campos e integrá-los para ajudar a resolver grandes problemas. Fornecer financiamento para projetos de impacto social, especificamente aqueles envolvendo energia e tecnologia.



Encontro de ex-alunos do Reino Unido em 7 de outubro, UK-Brazil Connect: compartilhando conhecimento sobre desafios globais. Painel de discussão com cerca de 35 alumni, seguido de sessão interativa de perguntas e respostas @ Rodolfo Rizzo

37 [As tragédias de Mariana e Brumadinho](#), Caderno de Geografia PUC-Minas, 2021.

Tom Birtwistle, Diretor do British Council no Brasil, afirmou que o exercício realizado pelos alumni e convidados durante o evento mostrou uma pequena parte do que pode ser feito quando pessoas de diversos setores se reúnem para discutir problemas complexos. Ele encerrou o encontro comentando sobre as posições importantes que os ex-estudantes do Reino Unido ocupam nos cenários social, político, acadêmico e industrial e destacou que dois dos 12 finalistas globais do prêmio Study UK Alumni Awards 2024 eram brasileiros.

Finalista global na categoria Ação Social do Study UK Alumni Awards 2024, Amanda Sadalla estudou na Universidade de Oxford e foi bolsista Chevening. Ela foi reconhecida por suas realizações como cofundadora da Serenas, uma ONG que fornece formação para serviços de resposta à violência de gênero e implementa políticas educacionais antissextistas em departamentos educacionais em todo o Brasil. Dr. Robson Tramontina, formado pela Universidade de Manchester, também foi finalista global em 2024, na categoria Negócios e Inovação. Fundador da NexVitro Biologics, ele foi reconhecido por suas realizações notáveis em diagnósticos moleculares na América do Sul.

Vozes dos participantes

Fortalecendo redes e combinando culturas

“Ao longo dos meus estudos em Londres, pude entrar em contato com profissionais que admiro em diferentes áreas. Como ex-aluna, fazer parte de comunidades como a do British Council é algo que se deve considerar para construir uma rede sólida, trocar conhecimento e experiências. Quanto à colaboração entre países, acredito verdadeiramente que, se quisermos enfrentar alguns dos maiores desafios globais, precisamos trabalhar juntos.”

Marina Belintani lidera pesquisa e desenvolvimento de novos materiais e tecnologias na MABE Bio, empresa que ela cofundou em São Paulo. Formada em Design de Moda em Londrina, Paraná, possui especialização na área têxtil pela Central Saint Martins e mestrado pelo Royal College of Art.

“Tanto o Brasil quanto o Reino Unido são bons em diplomacia e conexão. Eles trazem abordagens bem diferentes para a formulação de políticas ao lidar com mudanças, e acho que elas são complementares. Os brasileiros são menos formais, talvez, mas bastante acessíveis. E por outro lado você tem a experiência histórica britânica. Com essas coisas juntas, acho que você pode abordar os problemas de uma forma bem completa.”

Kai Enno Lehmann é professor associado em Relações Internacionais na Universidade de São Paulo (USP) em um programa de doutorado conjunto com o King’s College London (KCL).



Conexões

Conversas importantes promovem novas conexões

Tanto o Reino Unido quanto o Brasil estão comprometidos em expandir a colaboração internacional, envolvendo-se em discussões frutíferas sobre futuras parcerias em áreas-chave, desafios e possibilidades interessantes. A agenda da missão apresentou engajamentos estratégicos com organizações como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), a Confederação Nacional da Indústria (CNI), a Universidade de São Paulo (USP) e a Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (EMBRAPPII). Essas interações forneceram à delegação insights valiosos sobre as prioridades do Brasil e os futuros caminhos de colaboração.

Parceria em Foco foi uma sessão dinâmica de reuniões individuais (speed networking) para facilitar as conexões entre representantes de universidades do Reino Unido e 10 instituições de ensino superior brasileiras. As conversas exploraram áreas para colaboração em pesquisa, potenciais editais conjuntos, titulação conjunta e outros acordos de colaboração; planos de internacionalização de instituições locais; e potencial para iniciativas de cofinanciamento.

As conversas individuais entre instituições do Reino Unido e do Brasil tiveram o objetivo de avançar em potencial colaboração em pesquisa, mobilidade, TNE e outras parcerias. Uma mistura de instituições públicas e privadas do Brasil participou da sessão. As IES públicas são muito fortes em cooperação de pesquisa e produção acadêmica conjunta. As instituições privadas são mais

Evento: Sessão Parceria em Foco

Quando: 8 de outubro de 2024

Onde: Centro Brasileiro Britânico, São Paulo

Participantes: Professor Sir Steve Smith (Representante Especial do Reino Unido para Educação Internacional), líderes de seis universidades do Reino Unido (University of Leeds, University Glasgow, University of Dundee, King's College London, Queen Mary University of London e University of Bath), British Council, UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais; Unifesp - Universidade Federal de São Paulo; Unesp - Universidade Estadual de São Paulo; Universidade Presbiteriana Mackenzie, FACAMP - Faculdades de Campinas; FGV - Fundação Getúlio Vargas; Insper; Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC); Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA); Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ); Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

O quê: Após uma breve reflexão sobre a relevância das parcerias internacionais e as várias formas de fazê-las funcionar, rodadas de reuniões individuais (speed networking) entre representantes de instituições do Reino Unido e do Brasil permitiram explorar a colaboração em pesquisa e parcerias estratégicas no ensino superior, aprimorando parcerias existentes e permitindo novas.

flexíveis em acordos de TNE, pois também têm mensalidades, tendo conduzido MBAs conjuntos com universidades do Reino Unido. Quanto às fundações presentes, dos estados do Pará (FAPESPA), Paraíba (FAPESQ) e Rio de Janeiro (FAPERJ), cada uma delas tem um foco específico (Amazônia legal, desenvolvimento sustentável e local; mulheres em STEM; saúde e gênero e diversidade).

O Professor Sir Steve Smith, em sua primeira visita ao Brasil como Representante Especial do Reino Unido para Educação Internacional, tem o papel de liderar atividades no exterior para abrir oportunidades internacionais para provedores de educação do Reino Unido. Ele liderou a delegação de IES do Reino Unido: a University of Leeds, a University of Glasgow, a University of Dundee, o King's College London, a Queen Mary University of London e a University of Bath. “Todas as seis estavam interessadas em explorar mais conexões com o Brasil, o que esperamos que resulte em parcerias de longo prazo e mutuamente benéficas. As ambições dos países na indústria e na educação fornecem uma excelente base para parcerias de coesão e igualdade com o Reino Unido”, comentou ele.

O desejo por mais colaboração entre o Brasil e o Reino Unido foi reforçado por Tom Birtwistle, Diretor do British Council no Brasil. Ele observou que ambas as nações já colaboram em STEM, saúde e ciência do clima, mas ainda há espaço para expandir para novos temas e descobrir como as universidades e a pesquisa que é feita podem se conectar ao setor privado. “Há um sentimento de otimismo que é poderoso para a construção de parcerias e realmente faz a diferença conectar-se cara a cara e discutir o que é importante.”

Em uma apresentação introdutória no encontro, a Dra. Suzanna Tomassi, especialista em ensino superior do Departamento de

Negócios e Comércio (DBT) do Governo Britânico, destacou a importância das qualificações do Reino Unido serem oferecidas internacionalmente: “As parcerias e colaborações em TNE são importantes entre governos nacionais e locais, estudantes e instituições, e é essencial que sejam desenvolvidas de forma sustentável e estratégica”. A Dra. Tomassi também explicou os diferentes modelos de TNE: programas conjuntos, cursos duplos, campi no exterior, foco em pesquisa e, às vezes, programas presenciais, cada um diferente de acordo com o provedor, seus estudantes, equipes, região, país e economia. Como uma profissional que costumava gerenciar parcerias TNE, ela reconhece que esta é uma ferramenta brilhante para reduzir a fuga de cérebros e acha reconfortante que as partes interessadas tenham confirmado isso nos últimos anos. Embora a proficiência na língua inglesa possa ser uma barreira, a Dra. Tomassi afirma que as qualificações em TNE ajudam os estudantes a progredir. Pesquisas preliminares também mostram que eles são muito mais empregáveis por terem estado em contato com mentalidades globais e diferentes culturas. Ela concluiu sua apresentação dizendo que TNE também é uma excelente maneira de aprimorar a qualificação do corpo docente.

Diana Daste, Diretora de Engajamento Cultural do British Council, deu um breve panorama dos principais incentivos para a internacionalização no Brasil e mostrou que o financiamento e o apoio do governo desempenham um papel crítico, pois as relações Reino Unido-Brasil florescem quando recebem incentivos deste tipo.

Daste também compartilhou algumas das prioridades levantadas por partes locais interessadas em promover conexões entre as IES



do Reino Unido e do Brasil, conforme identificado por pesquisa e insights do British Council:

- Desenvolver parcerias acadêmicas
- Empreender projetos de pesquisa colaborativa
- Fortalecer a internacionalização em casa e os estudos de pós-graduação e pesquisa brasileira
- Melhorar as habilidades na língua inglesa
- Expandir, medir e alavancar o impacto de parcerias e pesquisas internacionais (impacto social, econômico e ambiental)

Abrindo caminho para parcerias sólidas

Nos últimos 10 anos, as principais universidades brasileiras estabeleceram escritórios internacionais ativos e metas ambiciosas de internacionalização. Existem estruturas e caminhos que apoiam não apenas o intercâmbio de estudantes para o exterior, mas também a recepção de estudantes internacionais, cursos e disciplinas em inglês, escolas de verão/inverno, acesso a fundos para pesquisa conjunta e diplomas conjuntos — alguns deles apoiados por agências estaduais e/ou federais. Essa é a percepção de Jaqueline Wilkins, Diretora Regional para América Latina e Engajamento Global no King's College London. “Além disso, parece-me que, ao longo desses anos, as universidades do Reino Unido em geral se tornaram mais familiarizadas com a qualidade e o profundo engajamento dos estudantes brasileiros, da excelente pesquisa produzida no Brasil e as oportunidades inovadoras para pesquisa conjunta em torno de temas de relevância global”, observou ela.

A maioria das colaborações é impulsionada por pessoas, e isso é verdade tanto para iniciativas de pesquisa quanto de ensino. Grande parte da pesquisa conjunta que está acontecendo no Brasil virá de pessoas que estão cientes do trabalho umas das outras por meio da literatura científica ou de reuniões em conferências. Uma vez que uma colaboração começa, as instituições aprendem mais sobre o que está acontecendo nos dois centros e outras conexões podem surgir. “Há um componente muito orgânico nas colaborações de pesquisa. O elemento crítico para sustentá-las é, claro, as bolsas de pesquisa. Houve histórias de sucesso com financiadores do Reino Unido e do Brasil trabalhando juntos para sustentar uma parceria produtiva nos últimos tempos”, observa o Professor William Cushley, Vice-Diretor Assistente Internacional e Professor de Imunologia Molecular na Universidade de Glasgow.

Parcerias fortes são construídas com o tempo e dependem de uma combinação de diferentes fatores específicos para cada conexão. Em geral, elas se apoiam em fortes conexões acadêmicas mantidas por indivíduos ou grupos de pesquisa ao longo do tempo, combinadas com uma estratégia institucional de mapeamento de oportunidades, sinergias e complementaridade, em uma combinação de abordagens de baixo para cima e de cima para baixo. “Para nós da King's, também é essencial entender de nosso parceiro institucional o que ele deseja da parceria desde o início e concordar juntos sobre como será no futuro. Então, embora eu não acredite que haja uma abordagem ‘tamanho único’ para o desenvolvimento de parcerias de longo prazo, podemos dizer que existem alguns princípios orientadores que podem apoiá-las: relevância e engajamento acadêmico, intencionalidade institucional e reciprocidade”, lista Wilkins.



Reuniões individuais, cada uma com 15 minutos de duração, permitiram que os participantes se conhecessem e conhecessem e que as IES brasileiras mostrassem suas intenções de parceria com as seis instituições do Reino Unido presentes. Algumas possibilidades interessantes foram traçadas durante a sessão³⁸:

- As instituições no Reino Unido ficam felizes em receber acadêmicos de pós-graduação brasileiros por curtos períodos de tempo como parte de seus estudos, especialmente se forem programas colaborativos.
- Muitas instituições oferecem um envolvimento sem taxas para visitas curtas, mas a duração do tempo sem taxas difere por instituição (e às vezes por disciplina).
- A modalidade Collaborative Online International Learning (COIL) oferece uma oportunidade para alunos de todos os níveis vivenciarem interações com professores nos dois países e trabalharem. Esse tipo de arranjo aborda o desejo brasileiro de desenvolver oportunidades de internacionalização em casa para jovens que não podem viajar facilmente para o exterior.
- A combinação para TNE é mais fácil quando as áreas de estudo são semelhantes entre as IES (por exemplo, políticas públicas, administração e gestão pública, estudos sociais e econômicos).
- Iniciativas conjuntas podem funcionar melhor quando o perfil do estudante da IES no Brasil atende às demandas de pesquisa da IES do Reino Unido.
- Existem três fases importantes para avançar em uma conversa entre IES (para TNE ou outros tipos de colaboração): 1. Elaborar um cronograma de atividades (SOA); 2. Elaborar um Memorando de Entendimento (MoU); 3. Assinar um Memorando de Acordo (MoA).
- Um elemento importante para promover parcerias é descobrir quais temas em comum também podem ser elegíveis para financiamento, por exemplo, por meio de fundos externos ou aceleradores.
- Projetar programas curtos no Reino Unido ou no exterior (por exemplo, até 8 semanas) pode ser uma solução para alunos que têm jornada de trabalho integral no Brasil.
- Iniciar parcerias de longo prazo em pesquisa depende principalmente da possível cooperação entre disciplinas (por exemplo, engenharia, ciência da computação, ciências ambientais, para estudar degradação por mineração e possíveis soluções).
- IES públicas no Brasil estão tentando institucionalizar conexões de pesquisa fornecendo capital inicial e selecionando professores para liderar colaborações de pesquisa.
- As universidades no Reino Unido buscam fornecer experiências do mundo real e preparar seus estudantes para o trabalho. Elas também valorizam o ensino informado por pesquisas de classe mundial.
- As universidades que mantêm programas sobre mudanças climáticas no Reino Unido e no Brasil podem planejar colaborações ou dupla titulação.

³⁸ As observações coletadas durante as reuniões curtas e entrevistas focais são apenas uma amostra, não se aplicam a todas as IES envolvidas, mas sim aos diálogos conduzidos em cada mesa.



Temos atividades em São Paulo, com a USP, a Unesp e a FGV, mas também estamos trabalhando com instituições em Salvador e Manaus. Elas ressoam fortemente com o governo brasileiro, os financiadores e as aspirações da indústria de fortalecer atividades com instituições que não estão localizadas nos principais centros urbanos.

Professor William Cushley, University of Glasgow³⁹



³⁹ A University of Glasgow tem conexões de pesquisa bem desenvolvidas com instituições brasileiras. Elas cobrem uma gama de tópicos diferentes, com esforço considerável em parasitologia, uma produção impressionante de artigos de alta qualidade e um trabalho forte nas ciências sociais.

Grupo de Trabalho para Gênero e Diversidade

Unindo forças para apoiar a igualdade de gênero

O British Council em todo o mundo adota um forte foco na igualdade de gênero como uma resposta às persistentes desigualdades, e isso não é diferente no Brasil. Trabalhando com o CNPq e outros membros de organizações locais, lançamos o Grupo de Trabalho Interinstitucional para Gênero e Diversidade na Educação Superior e Ciência, apresentado como parte do primeiro dia da Missão UK-Brasil em Brasília (9 de outubro). O CNPq sediou a reunião de abertura, que apresentou uma oportunidade para troca de boas práticas entre as universidades do Reino Unido, departamentos governamentais e associações, como CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior), CONFAP (Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa), Andifes (Associação Nacional de Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior) e o Ministério da Educação.

Evento: Reunião do Grupo de Trabalho Interinstitucional para Gênero e Diversidade na Educação Superior e Ciência

Quando: 9 de outubro de 2024

Onde: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasília

Participantes: líderes e representantes do CNPq, CONFAP (Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa), Rede UK-BR, CAPES, Ministério da Educação (MEC), FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos), líderes de cinco universidades do Reino Unido (University of Leeds, University Glasgow, King's College London, Queen Mary University of London e University of Bath), representantes do governo britânico do Departamento de Negócios e Comércio (DBT), Rede Ciência e Inovação (SIN) e do British Council.

O quê: lançamento do Grupo de Trabalho Interinstitucional para Gênero e Diversidade na Educação Superior e Ciência

O British Council organizou o grupo de trabalho com base em suas iniciativas sobre igualdade de gênero e o portfólio Mulheres na Ciência, visando promover parcerias que contribuam para sistemas de ensino superior e de ciências mais fortes, inclusivos e globalmente conectados. As atividades desenvolvidas em dois diferentes editais culminaram no **Marco Referencial para a Igualdade de Gênero em Instituições de Ensino Superior no Brasil**, projetado em conjunto por 27 instituições de ensino superior do Reino Unido e do Brasil. O resultado foi uma carta de princípios com uma série de ferramentas para o desenvolvimento de políticas de igualdade de gênero em IES no Brasil, inspiradas no Athena Swan Charter — uma contribuição que o British Council pode trazer ao Grupo de Trabalho Interinstitucional como uma ferramenta para apoiar mudanças institucionais.

Durante a reunião, representantes de universidades do Reino Unido apontaram como algumas de suas instituições incorporaram o

Athena Swan Charter e como isso contribuiu para o avanço da igualdade de gênero dentro das organizações. Eles também deram exemplos de políticas de EDI (Igualdade, Diversidade e Inclusão) no ensino superior.

Objetivos alcançados na reunião:

- O compartilhamento de boas práticas dentro das áreas em que o Grupo de Trabalho Interinstitucional atuará, o que inclui processos e políticas de gênero, inclusão e diversidade.
- Estabelecimento do papel da colaboração internacional de ensino superior para apoiar agendas de igualdade de gênero em ambos os países.
- Lançamento oficial do Grupo de Trabalho Interinstitucional presidido pelo CNPq, com o British Council mantendo a secretaria durante seu primeiro ano.
- Acordo com instituições participantes sobre termos de referência, formalizando sua adesão ao Grupo de Trabalho.



CNPq e British Council assinam acordo para o Grupo de Trabalho Interinstitucional para Gênero e Diversidade na Educação Superior e Ciência na sede do CNPq @ Marcelo Gondim / CNPq

Grupo de Trabalho Interinstitucional para Gênero e Diversidade na Educação Superior e Ciência

O Grupo de Trabalho Interinstitucional para Gênero e Diversidade visa contribuir para políticas institucionais e nacionais mais inclusivas e diversas em ecossistemas de ensino superior e ciência. Isso apoia o desenvolvimento de estruturas e políticas locais baseadas em práticas compartilhadas de EDI e identifica oportunidades para avançar em parcerias com instituições com ideias semelhantes.

Diana Daste, Diretora de Engajamento Cultural do British Council, disse que o principal objetivo do grupo é reunir diferentes instituições para pensar juntas, usar ferramentas comuns e, assim, otimizar e ganhar eficiência nos recursos investidos nesta agenda. “Além disso, queremos ampliar o impacto e a escala das iniciativas existentes, sejam projetos, programas ou políticas, e desenvolver capacidades institucionais”, explicou ela. O British Council tem um papel estruturante, reunindo as diferentes instituições e, em termos operacionais, é responsável pelo secretariado, que envolve registrar as diferentes reuniões, identificar agendas e interesses comuns, gerenciar informações e cuidar de documentos e do componente de compartilhamento de experiências.

A presidência do grupo é anual e rotativa: no primeiro ano o CNPq foi escolhido em comum acordo pelos membros. As responsabilidades da presidência incluem facilitar reuniões e listar pontos estratégicos para discussão em grupo.

“Nas últimas duas décadas, começamos a fazer pesquisa de forma mais coletiva, porque as agências começaram a exigir que formássemos grupos de pesquisa e redes de pesquisa nacionais e internacionais. Isso contribuiu para uma mudança de cultura, do individualismo competitivo para relações de trabalho muito mais cooperativas e colaborativas, e espero que possamos fazer algo muito semelhante com esse grupo”, observou Dalila Andrade Oliveira, Diretora de Cooperação Institucional, Internacional e Inovação do CNPq.

As iniciativas do grupo de trabalho têm o poder de promover maior igualdade de gênero no setor. Isso é especialmente verdadeiro porque os participantes são instituições que contribuem para a regulamentação do sistema nacional de ciência e tecnologia e ensino superior, e provêm financiamento para projetos de pesquisa. Um exemplo: definir um edital ou programa conjunto que vincule o financiamento para projetos de pesquisa ou educação com iniciativas de igualdade de gênero.

As reuniões do grupo de trabalho ocorrem a cada 3 meses, visando atualizar as atividades e alinhamentos estratégicos do grupo e são conduzidas preferencialmente no modo virtual. A filiação de novos membros depende da concordância com os termos de referência do GT e é assinada virtualmente.

Participantes do Grupo de Trabalho

- British Council (secretariado)
- CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (presidência no primeiro ano)
- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do MEC - Ministério da Educação
- CONFAP - Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa
- Rede Reino Unido-Brasil de Parcerias para Igualdade de Gênero (ex-participantes das convocatórias do British Council que desenvolveram o Marco Referencial para a Igualdade de Gênero em Instituições de Ensino Superior)

“O grupo de trabalho tem impacto institucional, demonstra um comprometimento aplicado de diferentes partes para desenvolver ferramentas que construam capacidades e, assim, impactem mulheres na vanguarda e na progressão de carreira”, explicou Daste. “Podemos aprender com bons modelos e replicá-los em instituições mais vulneráveis. No final das contas, precisamos conhecer os aspectos mais fortes e os vulneráveis da situação, olhando para todo o sistema”, observou Oliveira.

O grupo abrange três linhas de trabalho para dar suporte à agenda: 1) Desenvolver ferramentas para sistemas de avaliação, indicadores e planos de ação para igualdade de gênero e diversidade; 2) Alinhar dados e informações para documentar processos de igualdade de gênero; 3) Fortalecer capacidades institucionais e comunidades de prática.

Alguns dos próximos passos incluem organizar webinars para disseminar o Marco Referencial para a Igualdade de Gênero em Instituições de Ensino Superior no Brasil e publicar um artigo sobre o grupo de trabalho na 4ª edição da revista Mulheres na Ciência.

A curto prazo (1 a 3 anos):

- Grupo de Trabalho Interinstitucional consolidado;
- Marco Referencial para a Igualdade de Gênero em IES brasileiras é usado como ferramenta central para avaliação;
- Comunicações comuns elaboradas, financiadas e divulgadas pelos membros do GT;
- Comunidades de prática para ampliar trocas e experiências estimuladas e fortalecidas entre Brasil e Reino Unido.

A longo prazo (3 a 5 anos):

- Ferramentas desenvolvidas e compartilhadas pelo grupo de trabalho aplicadas nos sistemas de avaliação das instituições participantes (programas, editais, entre outros);
- Comitês de gênero e diversidade de diversas instituições membros participam como representantes no grupo de trabalho.

Prêmio Mulheres e Ciência

A primeira realização do Grupo de Trabalho Interinstitucional para Gênero e Diversidade na Educação Superior e Ciência foi o Prêmio Mulheres e Ciência, criado em outubro de 2024 para homenagear pesquisadoras que se destacam pela colaboração científica. A iniciativa foi lançada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), tendo como parceiros o Ministério da Mulher, o British Council e o Banco de Desenvolvimento da América Latina e Caribe (CAF). Os principais objetivos do prêmio são promover a diversidade, a pluralidade e a participação de mulheres nas carreiras de ciência, tecnologia e inovação, além de fortalecer a igualdade de gênero e reconhecer o valor da pesquisa conduzida por mulheres.

O objetivo é premiar pesquisadoras de cada uma das três grandes áreas do conhecimento (Ciências da Vida; Ciências Exatas e Engenharias; Ciências Humanas e Sociais, Linguagem e Artes) em duas categorias: Estímulo, para pesquisadoras com até 45 anos; e Trajetória, para cientistas com 46 anos ou mais. Além destas, a premiação terá a categoria Mérito Institucional, para homenagear até três

instituições de ensino superior ou institutos de pesquisa com ações relacionadas à indução de políticas de igualdade de gênero. O reconhecimento inclui não apenas prêmios em dinheiro, mas também viagens que possibilitem a participação em congressos internacionais e a troca de conhecimento entre cientistas mulheres do mundo todo.

“O British Council apoia a categoria de mérito institucional, justamente reconhecendo universidades e instituições alinhadas aos princípios do Marco Referencial para a Igualdade de Gênero em Instituições de Ensino Superior no Brasil. Elas vão apresentar um plano de ação em torno de transformações em instituições mais diversas e nós vamos financiar a implementação de algumas das ações descritas nos planos”, explicou Daste.

O reconhecimento das IES é indutivo, segundo Oliveira, do CNPq. “As instituições que não ganharem o prêmio vão entender que precisam melhorar suas políticas de igualdade de gênero. E o selo que reconhece a instituição vencedora é um reforço para que ela continue avançando nessas práticas. Ao mesmo tempo, reafirma que a igualdade de gênero é uma cultura que precisa ser valorizada.”



Ministra da Ciência, Tecnologia e Inovação, Luciana Santos; Presidente do CNPq, Ricardo Galvão, Diretora de Engajamento Cultural do British Council, Diana Daste; Ministra da Mulher, Aparecida Gonçalves.
@Luana Baggi / MCTI

Parceiros para o Futuro

Discutindo internacionalização no coração do Brasil

Como a colaboração internacional contribui para as IES brasileiras e a sociedade em geral? Como os interesses do setor podem atender aos propósitos pretendidos pelo governo para o ensino superior? Uma reunião estratégica na Embaixada do Reino Unido em Brasília delineou áreas-chave para abordar essas questões e proporcionou uma boa discussão sobre oportunidades de internacionalização, seus principais desafios e caminhos para avançar na ambição comum.

Uma série de diálogos ao longo do dia apoiou o entendimento de prioridades comuns e áreas de colaboração para orientar futuras parcerias entre o Reino Unido e o Brasil no Ensino Superior e Ciência. Os participantes do Governo Brasileiro e do setor de ensino superior, bem como representantes do governo do Reino Unido e de universidades britânicas, discutiram e concordaram sobre as perspectivas do governo na indústria e refletiram sobre como a colaboração pode ser aprimorada para contribuir para o crescimento e o impacto social. O British Council está levando adiante esses insights e estratégias propostas para desenvolver caminhos claros, compartilhados e cocriados entre o Reino Unido e o Brasil. O objetivo é preparar um documento para apoiar o desenvolvimento de parceria estratégica entre o Reino Unido e o Brasil no ensino superior e ciência.

Evento: Parceiros para o Futuro

Quando: 10 de outubro de 2024

Onde: Embaixada Britânica, Brasília

Participantes: Professor Sir Steve Smith (Representante Especial do Reino Unido para Educação Internacional), líderes de cinco universidades do Reino Unido (Universidade de Leeds, Universidade de Glasgow, King's College London, Queen Mary University of London e Universidade de Bath), British Council, Sandra Regina Goulart Almeida, Reitora da UFMG e Vice-Presidente da Andifes (Associação Nacional dos Diretores das Instituições Federais de Ensino Superior), Livia Leite, Secretária Executiva da Andifes, Wylam Assis Jr, Assessor da Andifes, Simone Benck, Reitora da Universidade do Distrito Federal e representante da ABRUEM (Associação Brasileira de Reitores de Universidades Estaduais e Municipais), Andrei Candiota da Silva, Diretor Executivo da ABMES (Associação Brasileira de Provedores de Ensino Superior - IES privadas), Waldenor Moraes, Vice-Presidente da FAUBAI (Associação Brasileira de Educação Internacional)

O quê: Discussão sobre áreas prioritárias e formatos para colaboração entre o Reino Unido e o Brasil em ensino superior e ciência, com foco em identificar oportunidades futuras e fortalecer **vínculos institucionais por meio do estímulo a redes e parcerias estratégicas.**

O desenvolvimento de uma **parceria estratégica para o Reino Unido e o Brasil** em educação superior e ciência permite colaborações mais fortes, estratégicas e equitativas entre os dois países. Um compromisso conjunto no desenvolvimento de colaborações e relacionamentos apoia a entrega das prioridades delineadas na Estratégia de Educação Internacional do Reino Unido e nas políticas brasileiras, como o Plano Nacional de Pós-Graduação e o programa CAPES Global.

Na parte da manhã, o encontro *Parceiros para o Futuro* focou na perspectiva governamental, enquanto na sessão da tarde, o foco foi nas associações setoriais, redes e universidades para o futuro das colaborações no Reino Unido e no Brasil. As sessões iniciais proporcionaram uma oportunidade de aprender e trocar as atuais prioridades do governo brasileiro e do Reino Unido e identificar possíveis maneiras de estreitar ainda mais os laços. Nas universidades brasileiras é crucial promover o impacto social nos três pilares da educação – ensino, pesquisa e extensão. As discussões com representantes do Ministério da Educação, CONFAP, CAPES e CNPq forneceram uma visão sobre a cooperação internacional brasileira com o Reino Unido e outros países, e destacaram a importância de mecanismos estratégicos

para promover colaboração impactante e parcerias duradouras. Também observaram que o financiamento é essencial para apoiar a colaboração. Outro fator-chave, conforme apontado por Martin Hope, Diretor Global de Educação Superior e Ciência do British Council, foi aplicar uma abordagem temática estratégica ao design do programa, com atenção especial aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e estruturas mais amplas de medição de impacto. Houve um claro alinhamento em toda a mesa sobre este assunto, inclusive sobre o próximo esquema de internacionalização CAPES Global, que visa apoiar a colaboração internacional e identificar os principais temas/ áreas estratégicas de interesse para estruturar propostas em linha com as prioridades nacionais, as tendências e oportunidades globais.



Membros da Missão UK-BR na reunião *Partners for the Future* na Embaixada Britânica em Brasília @ Rodolfo Rizzo

O diálogo da tarde

As instituições do setor presentes na Embaixada Britânica forneceram visões sobre maneiras de fortalecer os laços entre o Reino Unido e o Brasil, sobre como alinhar prioridades e expuseram lacunas existentes no relacionamento entre as instituições. Representantes da Andifes (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior), ABRUEM (Associação Brasileira dos Reitores das Universidades Estaduais e Municipais) e ABMES (Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior – IES privadas) reúnem uma ampla gama de universidades no Brasil e desempenham um papel vital no cenário do ensino superior do país.

“Meu papel é desenvolver relações profundas e duradouras com países-chave, como o Brasil. Ele já tem universidades e estudantes fantásticos e visa crescer na internacionalização”, enfatizou o Professor Sir Steve Smith, Representante Especial do Reino Unido para Educação Internacional. Ele considerou que o momento para esta Missão UK-BR foi perfeito, pois o governo continua promovendo a internacionalização de dentro das universidades.

A professora Sandra Regina Goulart Almeida, reitora da Universidade de Minas Gerais (UFMG) e vice-presidente da Andifes, considerou esse tipo de missão essencial para conhecer as universidades do Reino Unido e ver que elas têm interesse em cooperar. “É importante promover essa segunda fase do projeto de internacionalização da CAPES e, agora, teremos de fato a oportunidade de pensar no CAPES Global visando parcerias com diversas instituições”, observou Almeida.

Um dos pontos discutidos foi a importância de encontrar o **propósito e a motivação para a internacionalização** e as relações Reino Unido-Brasil no ensino superior. Mais do que fortalecer o ensino superior e a pesquisa e proporcionar o crescimento do próprio sistema, uma parceria significativa e relevante gera impacto para as instituições, a sociedade e para os países envolvidos. A Professora Doutora Simone Pereira Costa Benck, reitora da Universidade do Distrito Federal e representante da ABRUEM, explicou que há muitas diferenças regionais no Brasil e entre as IES, mas o principal objetivo de todas elas é oferecer ensino, pesquisa e extensão. “As universidades do interior nos dão a oportunidade de alcançar comunidades vulneráveis e partes do país que eram abordadas apenas ocasionalmente por instituições federais. É desafiador alcançá-las para diversificar a pesquisa no Brasil”, ela comentou.

Uma maneira de incluir mais universidades na colaboração Reino Unido-Brasil é **trabalhando por meio de redes**. Vários acordos foram sugeridos como benéficos e viáveis, incluindo: I. consórcios (o grupo de seis universidades do Reino Unido que se juntaram à delegação está criando um consórcio para aumentar a colaboração com o Brasil); II. colaborações tripartites (três organizações incluídas nas parcerias), III. por meio de redes de órgãos setoriais (como Andifes, ABRUEM, UUKI). “Precisamos de projetos que tenham o poder de reduzir essas assimetrias entre universidades estaduais de prestígio e outras instituições estaduais e municipais, e parcerias internacionais entram nessa equação”, defendeu Benck. O Professor Ian Wood, da Universidade de Leeds, disse que a instituição está interessada em tornar as conexões existentes mais amplas e profundas. “A chave é como fazer as parcerias permanecerem após os primeiros pesquisadores

saírem? Conexões amplas e profundas vão ajudar a desenvolver capacidades”, explicou ele. A Universidade de Leeds tem a política de que todo estudante deve ter uma experiência internacional, o que não significa necessariamente morar no exterior, mas estar em contato com colegas internacionais, trabalhando nos mesmos projetos.

Conforme observado por Diana Daste, do British Council, os participantes concordaram que um **marco temático** é útil para apontar as principais prioridades de ambos os países, orientar pesquisadores e instituições em suas conexões e permitir maneiras de monitorar os impactos das parcerias. Os principais temas delineados como de interesse mútuo também são alvos dos Objetivos de Desenvolvimento

Sustentável, como energia verde, sustentabilidade, saúde e educação. Jaqueline Wilkins, Diretora Regional para América Latina e Engajamento Global do King’s College London, resumiu as áreas orientadoras para a colaboração: biodiversidade, bioeconomia, segurança alimentar; IA; saúde e diversidade e inclusão. “Algo muito importante para o Brasil é que as universidades são um lugar de mudança social. Mesmo sem uma intenção primária, todas as suas ações são voltadas para resolver problemas, encurtar caminhos. Tudo o que fazemos é para melhoria social, então é fácil escolher áreas prioritárias para intervenção estratégica, uma vez que as universidades já trabalham para isso.”



Professor Sir Steve Smith faz um discurso no evento de recepção para celebrar o lançamento do Grupo de Trabalho Interinstitucional para Gênero e Diversidade na Educação Superior e Ciência, e a colaboração entre o Reino Unido e o Brasil @ Rodolfo Rizzo

Outro objetivo comum identificado pelo grupo foi que as **parcerias devem ser fomentadas e crescer para níveis institucionais**, em vez de serem compromissos de indivíduos. O suporte para isso pode ser de cima para baixo (investimento governamental de recursos), de baixo para cima (identificação de professores e funcionários acadêmicos e seu próprio engajamento no sistema) e lateral (maneiras criativas de abordar desafios, ser inclusivo e entender diferentes realidades).

Relações de longo prazo precisam de abordagem institucional e não apenas de dinheiro. A internacionalização se torna mais natural e eficiente se o foco estiver na cultura e nas próprias estruturas fornecidas pelas IES e pelo sistema. “Para ganhos institucionais e resolução de problemas internacionais, é preciso investir em pós-graduação ou doutorados conjuntos, desenhados pelas duas instituições. É imperativo ter acadêmicos conectados, caso contrário isso não anda, e também é importante criar ferramentas para que eles se conheçam. Mas para formar parcerias de longo prazo não podemos depender de conexões individuais, é preciso institucionalizá-las”, explicou Wilkins. Outro problema na internacionalização é o idioma. “Trazer pesquisadores para o Brasil é

algo difícil, porque poucas pessoas falam português. Por isso estamos trabalhando nisso também por meio de cursos online de português como segunda língua”, informou Sandra Almeida (UFMG).

Também foi notado que um olhar mais atento aos estágios iniciais de conexão (idioma, cultura e pessoas) deve ser seguido por **encontrar maneiras de fomentar o financiamento**. A falta de recursos financeiros e as taxas cobradas pelas universidades do Reino Unido foram as principais barreiras que surgiram da conversa. Almeida destacou que as universidades sempre estarão competindo por financiamento. “O esforço de buscar projetos conjuntos é muito importante, isso é um gatilho para encontrar novos parceiros. Quanto mais ênfase dermos à promoção de instituições do Reino Unido para ingressar no CAPES Global, melhor”, defendeu, explicando que outro problema nas relações Brasil-Reino Unido são as taxas de ensino que os estudantes brasileiros não podem pagar, e o governo não consegue custear. As taxas são um problema, mas é possível criar alternativas. “Nós projetamos um programa de pesquisador visitante no qual os estudantes de pós-graduação realizam pesquisas por até 6 meses na King’s sem taxas”, acrescentou Wilkins.

Sugestões para gerenciar as mensalidades entre o Brasil e o Reino Unido

“Uma abordagem para esse desafio é compreender que os modelos financeiros que dão suporte ao ensino superior e à pesquisa são diferentes. Enquanto as universidades do Reino Unido dependem da cobrança de taxas estudantis, o Brasil conta com pesquisa de alto nível e oferta de ensino superior que é financiada. Esta não é uma realidade que pode ser alterada em curto prazo, então não podemos esperar reciprocidade total de modelos financeiros em nossas parcerias com instituições públicas brasileiras.

Portanto, a sugestão é encontrar maneiras de contornar isso caso a caso. Algumas opções podem ser: entrega híbrida que reduz o tempo que o estudante precisa passar no Reino Unido, como diplomas conjuntos e paralelos/complementares que podem ser oferecidos parcialmente online; escolas de verão e cursos de curta duração; acesso a financiamento nacional e internacional; e financiamento da indústria e do setor privado.”

Jaqueline Wilkins, Diretora Regional para América Latina e Engajamento Global no King’s College London

Criar acordos de pagamento inovadores foi sugerido como uma forma de contornar a questão. Modalidades e mecanismos levantados nas conversas, como dupla titulação e estruturas colaborativas, são formas de apoiar parcerias formais, fomentando a cultura de internacionalização. “Podemos projetar outros tipos de colaboração, não apenas em pesquisa e não dependentes de dinheiro. Em nossa universidade, buscamos empreendedorismo e mobilidade. Não precisa ser por meio de um empréstimo ou prêmio, mas fazendo nossos colegas e alunos trabalharem juntos”, expôs o Professor Julian Chaudhuri, da Universidade de Bath. Parte dessa reciprocidade inclui a cocriação de programas de graduação e pós-graduação com aulas online, conforme observado pelo Professor William Cushley, da Universidade de Glasgow. “Estamos tentando promover o aprendizado de português e outras línguas para facilitar isso. Nossa universidade também quer trabalhar em programas de pesquisador para pesquisador e em programas de verão de curta duração voltados para estudantes internacionais, como alternativas aos programas de período integral”, explicou.

Em suas considerações finais, o Professor Sir Steve Smith declarou que a internacionalização é tão boa para as grandes instituições quanto para as menores. “Como lidamos com estudantes que estão em instituições menores e menos internacionalizadas e como nós, como governo britânico, criamos estratégias para incentivar sua internacionalização?”.



3 respostas para 1 pergunta

Como você imagina as relações entre o Reino Unido e o Brasil no ensino superior em cinco anos?

“Tem um potencial enorme porque o Brasil se destaca no cenário internacional, então esse destaque colocou a UFMG, por exemplo, na vanguarda da cooperação internacional. É preciso haver uma estratégia de cooperação por parte das universidades britânicas, mas se de fato houver um programa que incentive a cooperação, esse potencial de internacionalização e cooperação em pesquisa em nível institucional cresce. Se as instituições e o poder público puderem ajudar a desenvolver e financiar parcerias, acho que podemos desenvolver ainda mais as que já existem. Há modelos de cooperação na Europa que têm um grande efeito multiplicador e são esses que devemos buscar.”

Sandra Regina Goulart Almeida, Reitora da Universidade de Minas Gerais (UFMG) e Vice-Presidente da Andifes

“Há entusiasmo em nível governamental por uma colaboração mais estreita entre o Reino Unido e o Brasil. Durante a visita, fiquei impressionado com a consistência das áreas prioritárias para o governo, universidades e indústria brasileira e pelo claro compromisso de aumentar as oportunidades em regiões atualmente desfavorecidas do Brasil. Isso se alinha bem com as capacidades das seis instituições de ensino superior do Reino Unido na missão. Gostaria de ver uma plataforma onde as instituições possam aprender sobre oportunidades de financiamento para trabalhar juntas em áreas prioritárias e contatar os parceiros apropriados. Rotas para desenvolver programas conjuntos, oferecendo oportunidades para jovens, devem ser uma prioridade. Eles serão os melhores embaixadores para as colaborações entre o Reino Unido e o Brasil nos próximos anos.”

Professor William Cushley, Vice-Presidente Assistente Internacional da Universidade de Glasgow

“Eu imaginaria o Reino Unido e o Brasil aprofundando as conexões existentes por meio de um diálogo contínuo e estabelecendo estruturas comuns que podem dar suporte ao ensino superior do Reino Unido e do Brasil e à pesquisa conjunta para gerar impacto positivo nas sociedades, também globalmente. Sinto que há um ímpeto agora para aprofundar a colaboração no ensino superior por meio de diferentes formas de engajamento – como programas conjuntos de titulação – e em pesquisas em torno de áreas de especialização comum ou complementar, como saúde, biodiversidade, bioeconomia, IA e combate à desigualdade social. Gostaria de ver mais P&D com parceiros da indústria e uma conexão mais próxima com a formulação de políticas em torno da pesquisa informando políticas, gerando impacto positivo nas sociedades.”

Jaqueline Wilkins, Diretora Regional para a América Latina e Engajamento Global no King's College London

